

Toda Poesia

Sentidas da Vida

2ª Edição

Luiz Eduardo Gunther

Instituto Memória



Editor: Anthony Leahy Gráfica: Juliano Carvajal
Produção: Barbara Marafigo Jurídico: Jocelino Freitas
Qualidade: Rivaldo Dantas Logística: Volney Pacheco

Capa: Agenor Martins

Revisão final realizada pelo próprio autor

A presente obra foi aprovada pelo nosso Conselho Científico-Editorial respeitando as diretrizes da Qualis/CAPES, quais sejam, originalidade, relevância, pertinência, embasamento teórico, densidade científica, metodologia e desenvolvimento, inclusive o sistema “*double blind review*”, garantindo a isenção e imparcialidade do corpo de parecerista e a plena autonomia do Conselho Editorial, atestando a excelência da obra que apresentamos à sociedade.

CONSELHO EDITORIAL

Edson Fachin - Reynaldo Soares da Fonseca - Francisco Rezek - Ingo Sarlet - Sidney Guerra - Flávia Piovesan - Valerio Mazzuoli - André de Carvalho Ramos - Wagner Menezes - Felipe Chiarello - Eduardo Arruda Alvim - Nelson Nery Júnior - Ricardo Seitenfus - René Dotti - Luiz Eduardo Gunther - Eduardo Biacchi Gomes - Luis Alexandre Carta Winter - Octavio Fischer - Betina Grupenmacher - Augusto Bonner Cochran III (USA) - Andrea Pitasi (Itália) - Fernando Araujo (Portugal) - Sara Petroccia (Itália)... (no site, relação completa com qualificação)

ISBN: 978-85-5523-462-0

GUNTHER, L. E.

Sentidos da vida: toda poesia. Luiz Eduardo Gunther.
Curitiba: Instituto Memória, 2022.
275 p.

1. Poesia. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869.1

Para Noeli, luz dos meus olhos:

ontem, hoje e sempre!





AGRADECIMENTOS

Minha vida toda está repleta de pessoas muito importantes para que eu chegasse onde estou.

Meu Pai Geraldo; minha mãe Ida; minha vó Maria; meus tios Ervino e Elfride; meus irmãos Paulo, Rubens, Bernardo, Madalena, Pedro; os filhos que a vida deu a Noeli e a mim: Michelli, Luiz Fernando, Luiz Eduardo, Emanuele, Ângela, Fábio e Ana Luyza. As irmãs da minha mulher: Doraci, Jandira, Dicléia, Marili. E às netinhas, a nova geração: Celina, Kemille, Natália e Ana Beatriz.

Foram importantes para incentivar-me a publicar poesias: Professora Viviane, Anthony, Ney José, Luiz Fachin, Renato Kanayama, Ana Carolina, René Dotti, Juraci Moreira.

Ajudaram-me a que o material fosse reunido (afinal são cinquenta anos escrevendo!): Professor Villatore Pai; Andréa e Elisandra; Barbara com a diagramação escorreita.

Homenagem especial

A capa deste livro deve-se ao artista plástico Agenor Martins. Graças à sua gentileza podemos utilizar seu quadro "violão cubista".

O magistrado trabalhista pernambucano Agenor Martins é jovem e talentoso artista que já colaborou com capas para três edições de revistas eletrônicas do TRT 9 (sobre o trabalho

Luiz Eduardo Gunther

intermitente, arbitragem trabalhista e dano extrapatrimonial) e de livro do Instituto Memória (sobre Mariana e Brumadinho).



Sem essas pessoas, dificilmente teria chegado até aqui:
Obrigado!



PREFÁCIO

Corria o ano de 1969, muito difícil para os brasileiros, e um rapazote de quinze anos começava a fazer seus versos.

Com poemas foi construindo seu universo, literário, junto com os estudos do Direito e da História.

Publicou uma edição de seus poemas com o título de Rumos=Muros em 1974.

Continuou escrevendo e guardando, até que, no século XXI, muitos anos depois dos primeiros versos, começava a participar de coletâneas poéticas divulgadas em Bento Gonçalves. Teve a oportunidade de publicar com outros poetas, excepcionalmente alguns de renome como Affonso Romano de Sant'Anna e Ferreira Gullar.

Também publicou em coletâneas organizadas em Belo Horizonte, onde ganhou muita divulgação seu poema Reconstruir-se (ser criança!).

Por iniciativa do Editor Anthony Leahy do Instituto Memória, muitas poesias foram publicadas em diversas obras coletivas. Uma antologia em verso e prosa também foi publicada pelo Instituto Memória em 2018.

O tempo possibilitou o trabalho que ora se publica, no qual os sentidos da vida foram ordenados em temas específicos.

É uma vida que está aqui, com mais defeitos do que virtudes, mas inteira, como deve ser.

Se os poemas reunidos, um ou mais de um, puderem tocar os leitores, valeu a pena. Afinal, foram cinquenta anos escrevendo,

Luiz Eduardo Gunther

SENTIDOS DA VIDA
TODA POESIA

cortando, reescrevendo, tentando transmitir o mais claramente possível a sensibilidade da vida.

Curitiba, novembro de 2019.

Luiz Eduardo Gunther



SUMÁRIO

SENTIDOS DA BUSCA

A busca /15

A busca do eu /16

A paz de cada dia /17

Aquilo que poderia ter sido /18

Espaço /19

O passo adiante /20

O passo da vida /21

O que acaba e o que fica /22

Ontem e hoje /23

SENTIDOS DA FOME

A fome e o nome /25

A fome que não some /26

A mulher e o mendigo /27

O mistério da fome /28

SENTIDOS DA NATUREZA VIVA

A água /30

A chuva do final da tarde /31

A tempestade /32

As cores /33

As flores e o jardim /34

Conchas /35

Floripa /36

Mudança /37

Nas águas do mar /38

O arco-íris /39

O chupim /40

O lamento das pedras /41

O ninho do joão-de-barro /42

O rio, você e eu /43

O sol e nós /44

O som da água do rio /45

Pinhão /46

Rosas vermelhas /47

Uma gota de sangue caiu do céu /48

Vai vento ventar I /49

Vai vento ventar II /50

SENTIDOS DAS COISAS E DAS COISAS SEM SENTIDO

Metáfora /52

O inesperado /53

Os sentidos das coisas /54

Os sentidos das palavras /55

Os sentidos do não /56

Luiz Eduardo Gunther

SENTIDOS DAS COISAS

INANIMADAS

*A caneta /58**A chave /59**A escada /60**A rede de deitar-sentar /61**Cortinas /62**Espelho retrovisor /63**Fogos de artifício /64**Naquela cidade /65**O copo 1 /66**O copo 2 /67**O espelho e a vidraça /68**O navio /69**O prédio /70**O relógio /71**Os sinos /72**Pão de ló /73**Rua com entradas e saídas /74*

SENTIDOS DAS CONFISSÕES

*Confessar o amor /76**Confessar, calar, amigos /77**Confessionário /78**Confesso-me a você /79**Confissão e consciência /80**Confissão e purificação /81**Confissão no céu /82**Confissão tardia /83**Confissões em capítulos /84**Confiteor /85**Não quero morrer hoje /86**O significado da confissão /87**O sonho e a confissão /88*

SENTIDOS DAS LEMBRANÇAS

E DAS MEMÓRIAS

*Lembranças na madrugada /90**Mudanças e memória /91*

SENTIDOS DAS PALAVRAS

*A luta com palavras /93**A palavra amor I /94**A palavra amor II /95**A palavra e o vento /96**A palavra, o ser e o saber /97**A velhice das palavras /98**Nossa vida é verbo /99**O valor das palavras /100**Os gumes das palavras /101**Palavra e olhar /102**Palavra e seta /103**Palavras e gestos /104**Palavras e ideias /105**Palavras e letras I /106**Palavras e letras II /107**Palavras escritas /108*

*Solidão e palavras:
companhias* |109

Talvez I |110

Talvez II |111

Verbos |112

SENTIDOS DAS TRAGÉDIAS

Fukushima I |114

Fukushima II |115

A morte de 242 jovens |116

5 de novembro de 2015 |119

Mariana |120

*O Rio Doce depois da tragédia
de Mariana* |121

*Ode a Brumadinho - poema
noticiado* |122

SENTIDOS DE SER CRIANÇA

*A menininha, o poeta e o
poema* |124

Criança |125

*O primeiro andar da
criança* |126

Reconstruir-se (ser criança) |127

SENTIDOS DE UM CÃO

*Cães amarrados aos trilhos de
trens* |129

O cachorro e a bolsa |130

O cão preso |131

SENTIDOS DE UM POEMA

Apenas um verso |133

O ofício do poeta |134

Para compor um poema |135

Poemas de amor |136

Poemas policiais |138

Poemas sobre dúvidas |139

Poesia na vidraça |141

SENTIDOS DO AMOR

Amor de verdade |143

Amor, boca e beijo |144

Noeli |145

O amor adulto |146

O computador e o amor |147

Que amor é esse? |148

SENTIDOS DO CORPO. DA ALMA E DA GEOMETRIA

A matemática |150

A posse |151

Alvo e processo |152

Caixa preta |153

Corpos e corações |154

Embriagar-se (o ciúme) |155

*O corpo, a alma e a
geometria* |156

O corte, a pele e a vida |157

SENTIDOS DO MEDO

A medição do medo |159

Índice do medo |160

O medo de mudar |161

Outra versão do medo de mudar |162

Ser sem medo |163

Vazio do medo |164

SENTIDOS DO MOVIMENTO

A dança |166

A dimensão do gesto |167

A estática e a dinâmica |168

A mão que afaga |169

Ritmo da vida |170

SENTIDOS DO PENSAR E DO
DIZER

Pensar e dizer |172

Pergunta sem resposta |173

Perguntas e respostas |174

SENTIDOS DO POUCO E
DO BASTANTE

Muito e tudo |176

Pouco e bastante |177

Quanto menos |178

Sempre ao meu lado |179

Sim e não |180

SENTIDOS DO SILÊNCIO

Eu prefiro o silêncio |182

Examinar |183

Fazer e não fazer |184

Nunca |185

SENTIDOS DO TEMPO

A hera e a vida |187

A percepção da vida |188

A temporariedade |189

A vida é um minuto |190

Cada minuto |191

Escuridão e luminosidade |192

Finados |193

Ínterim |194

Moço e velho |195

Momento |196

Nó da garganta |197

O passar das horas |198

Quando sempre |199

Só depois do Carnaval |200

Tempo e momento |201

Tempo em nós |202

Um milhão e o tempo |203

SENTIDOS DO TER E DO
PERDER*Ter e perder* /205*Ter e ser* /206*Vazio* /207*Viver por viver* /208*Voltar* /209SENTIDOS DOS ABRAÇOS E
DOS BEIJOS*A classificação do beijo* /211*Desejo* /212*Lábios de carmim* /213*O abraço* /214*O beijo poliglota* /215*O brilho dos lábios* /216*O coração e o beijo* /217*Os abraços* /218

SENTIDOS DOS CAMINHOS

A viagem /220*Cair e levantar* /221*Caminho* /222*Caminhos e sentidos* /223*O caminho que tinhas* /224*O caminho* /225*Outro caminho* /227*Viagens* /228SENTIDOS DOS CHEIROS E
DOS SABORES*A comida e a vida* /230*Cheiros e sabores* /231*Comida: ideias e mudanças* /232*O gosto* /233

SENTIDOS DOS CONCEITOS

Compreensão /235*Comunicação* /236*Conceitos* /237*Delicadeza* /238*Enigma - pensar - dizer* /239*Enigma* /240*Era digital* /241*Exercícios vocabulares* /242*Incompletude* /243*Infância e persistência* /244*Linguagem* /245*Não ser* /246*O dito e o feito* /247*O êxito e a hesitação* /248*O GPS* /249*O resultado* /250*Raciocínio* /251

SENTIDOS DOS ENCONTROS

E DOS REENCONTROS

Encontro e amor /253

A procura e o encontro /254

Procura /255

Reencontro /256

Tempo de encontro /257

SENTIDOS DOS OLHARES

A desordem dos seus olhos /259

A procura no olhar /260

O instante do olhar /261

O teu olhar /262

Olhar e coração /263

Olhar e pensamento /264

Olhar /265

Os olhos e a imagem /266

Seu olhar bonito /267

Um corte no olhar /268

FRASES EXTRAÍDAS DOS

POEMAS SOBRE OS

SENTIDOS DA VIDA | 269



SENTIDOS

DA

BUSCA

A busca

A busca do eu

A paz de cada dia

Aquilo que poderia ter sido

Espaço

O passo adiante

O passo da vida

O que acaba e o que fica

Ontem e hoje



A BUSCA

Há em cada canto
uma saudade,
um espanto:
a liberdade?

Vês sempre o encanto,
nunca piedade,
sob o manto:
da verdade?

Assim, sempre e tanto,
esqueces a maldade,
abandonas o pranto:
em busca da felicidade?

A BUSCA DO EU

Procuras em
ti mesmo
as coisas
do passado,
que te fizeram
como és,
e não as encontras.

Continuas procurando,
então, no presente,
aquilo que te fizeram
no passado,
e também
nada consegues
encontrar.

Buscas, então,
neste novo tempo,
misturando passado
e presente,
com todas as
dificuldades, encontrar
o teu futuro.

A PAZ DE CADA DIA

A paz nossa de cada dia
nos auxilie, Senhor,
a buscar hoje.

Perdoai o nosso individualismo,
que só nos leva a querer bens, coisas,
no lugar de sentimentos e pessoas.

Não nos deixeis sermos egoístas,
a ponto de não ajudar aqueles que precisam
das nossas mãos, do nosso abraço.

Livrai-nos da tentação, do ódio,
que nos leva ao desencontro
e à violência sem limites.

Mas, sobretudo, Senhor, nos ajude
a flexionar, sempre, o verbo amar,
que é ele que está no âmago da paz.

AQUILO QUE PODERIA TER SIDO

Buscar-se no tempo
com o vento
a movimentar
os cabelos
perto do mar.

Tão verde
e tão azul
com as conchas
na praia
a dizer que:

tudo vai e vem
e volta e vai
e vem e vai
e volta e vem
e vai e volta;

mas às vezes não volta,
na maré que sobe
e desce e deixa
vestígios daquilo
que poderia ter sido.

ESPAÇO

No teu espaço
sempre há
mais um lugar.

Buscas sem
encontrar,
mas podes procurar.

O PASSO ADIANTE

A caminhada
da vida
parece acontecer
normalmente
passo a passo.

Seria possível
dar aquele passo
adiante para avançar
mais um pouco
nas agruras da vida?

O PASSO DA VIDA

Com régua e compasso,
escrever
o sentido da vida.

Passo a passo,
entender
o recebido da vida.

Dentro do espaço,
receber
o devido na medida.

Para sempre no abraço
reconhecer
ter vivido (por ti!) querida!

O QUE ACABA E O QUE FICA

Quando se for a gargalhada,
poderá ficar o sorriso,
se tinha alegria.

Quando se for a noite,
poder-se-á lembrar das estrelas e da lua,
se havia olhos para olhar.

Quando se for a paixão,
poderá restar o amor,
se tinha sentimento no coração.

Quando se for o amigo,
poderá sobrar a amizade,
essa força inquebrantável.

Quando se for a matéria,
poderá ficar a memória,
fundamento das gerações.

ONTEM E HOJE

Ontem
não era assim,
como tu dizias,
quando tinhas
febre
de amor.

Hoje,
em que curastes
aquele estranho calor,
recordas
um pouco
de dor.



SENTIDOS DA FOME

*A fome e o nome
A fome que não some
A mulher e o mendigo
O mistério da fome*



A FOME E O NOME

Para quem tem fome,
não importa o nome
de quem lhe dá de comer.

Para quem tem fome,
não importa o nome
da comida, do garfo ou da colher.

Para quem tem fome,
não importa o nome,
se é homem ou mulher.

Para quem tem fome,
não importa o nome,
o que importa é viver.

A FOME QUE NÃO SOME

Metade da humanidade
tem fome.
A outra metade
tem medo
de quem
passa fome.
Dito por Josué de Castro.

Por que, então,
não tentar, pelo menos,
acabar com
essa coisa sem nome
que, por
linguística ou semântica,
chamamos de fome?

A MULHER E O MENDIGO

Es
ta
vas

em
be
ve
ci
do

o lhan do a lup si da de das
vo tuo da de c
u
r
v
a
s

da mulher bonita

quando te
de pa ras te

com um men di go a pe dir es mo la.

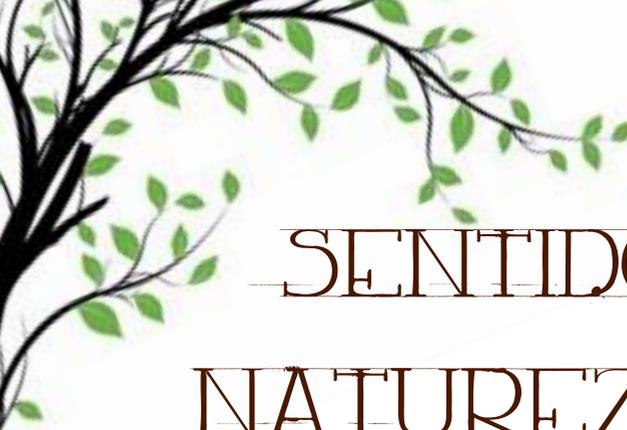
O MISTÉRIO DA FOME

Sabemos que
há
uma geografia
da fome.

Também sabemos
que há
uma geopolítica
da fome.

Podemos presumir,
igualmente,
uma história
da fome.

Difícil é,
certamente,
imaginar ou avalizar
um direito da fome.



SENTIDOS DA NATUREZA VIVA

A água

A chuva do final da tarde

A tempestade

As cores

As flores e o jardim

Conchas

Floripa

Mudança

Nas águas do mar

O arco-íris

O chupim

O lamento das pedras

O ninho do joão-de-barro

O rio, você e eu

O Sol e nós

O Som da água do rio

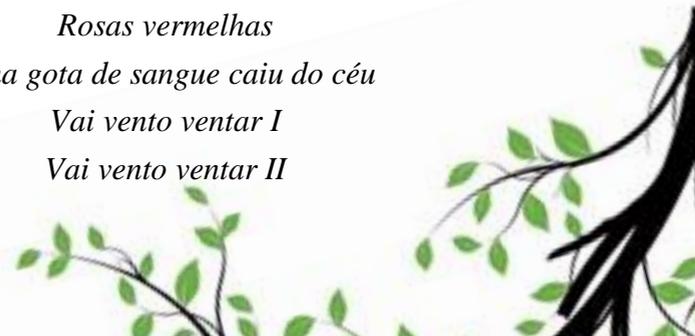
Pinhão

Rosas vermelhas

Uma gota de sangue caiu do céu

Vai vento ventar I

Vai vento ventar II



A ÁGUA

Insípida, inodora,
insossa, incolor:
eis a água...

Que todos
bebemos
e precisamos beber...

E não somos como ela,
porque nos querem
de outro modo:

com cheiro,
com gosto,
com cor...

A CHUVA DO FINAL DA TARDE

Piscam as lâmpadas dentro de casa.
Troveja lá fora, o dia escurece.
Um vento sopra com força.

De repente, solta-se a água.
Primeiro em gotas, depois, desabando
mais forte: um chuveiro.

Escutam-se os estrondos, baroom! burudum!
Trovões com raios
iluminam o horizonte.

A chuva diminui, parece derramar-se,
e celebrar o som da água,
batendo na janela: tam! tam! tam!

A TEMPESTADE

Há um calor
forte no ar
que quase não te deixa
respirar.

Suas, suas e
a transpiração não diminui,
em nada, o calor
que sentes.

De repente, escutam-se
os trovões, os raios,
aquele cheiro forte
de temporal.

Caem os primeiros pingos
e, depois, a chuva integral
cai forte e inunda tudo,
até o teu coração.

AS CORES

O azul
igual ao céu:
límpido.

O verde
semelhante ao mar:
vivo.

O cinza
parecido à areia:
calmo.

O amarelo
como o sol:
quente.

O vermelho
idêntico ao sangue:
intenso.

AS FLORES E O JARDIM

Plantar as flores
com todo o
cuidado,
regando-as,
diariamente.

Até que suas cores
e seus perfumes
inundem
a casa, a vida,
preciosamente.

Para que todos sintam
os gerânios, os jasmims,
as rosas,
e modifiquem-se
definitivamente.

CONCHAS

Naquela imensa estrada cinza-claro
ou cinza-escuro, que é a praia,
caminhas à procura de conchas.

Tu as encontras, de todos os tipos,
aos pedaços, partidas, inteiras,
grandes e pequenas, descoloridas e de cores deslumbrantes.

Tu as dissecas e encontras cálcio endurecido.
Eis a eterna condição
das coisas e dos homens.

Nas coisas, há muita beleza exterior e só matéria bruta interna.
Nos homens, com ou sem beleza externa, há um espírito,
por dentro, bom ou mau, além da matéria.

FLORIPA

(Em memória de Manuel Bandeira e Gonçalves Dias)

Pensei em me mudar pra Floripa!

Lá não faz tanto frio

e se diz se queres queres se não queres diz!

As aves que lá gorjeiam não gorjeiam como aqui,

lá tem mais calor, tem praias,

tem gente que fala cantadinho.

Lá o povo diz que é mais feliz porque

tem o vento do mar,

tem o próprio mar.

Vou me mudar pra Floripa,

vou morar na beira do mar.

MUDANÇA

Na mão, ramos de hortelã
e aromas
rompendo a manhã.

O verde da planta,
a engenharia
das pétalas, dos talos: o enigma.

A viagem no carro,
a mudança, a bagagem,
e depois o caminho.

A velocidade na estrada,
a chuva, a chegada,
o descanso, a paz.

NAS ÁGUAS DO MAR

Andando na praia, afundando
os pés na areia, molhando-se
nas águas do mar gelado,

veio-lhe à mente a imagem da sua mãe,
quando ele era criança ainda
e pela primeira vez foi à praia.

Tirou o calção e entrou no mar,
com a liberdade da criança,
a inocência de quem não conhece a maldade.

A mãe sorriu ao vê-lo,
tão alegre correndo na praia,
sem roupa, entrando nas águas.

A alegria de criança que
se perde na adolescência
e fica na lembrança do adulto.

Quantas coisas boas, felizes,
não podem mais ser repetidas,
nem confessadas jamais!

O ARCO-ÍRIS

(ou de quem são as cores?)

Quem criou essas
cores do arco
de íris?

Quem somou
todas essas cores
e as juntou?

Quem decidiu o
momento certo
de reuni-las?

Quem arrumou
o espaço no céu
para destacá-las?

Quem colocou
no final do arco
o pote de ouro?

O CHUPIM

A mamãe chupim
põe o ovinho
no ninho
do tico-tico.

A mãe tico-tico
choca e nasce o
seu tico-tiquinho
e também o chupinzinho.

Sem diferenciar
o que é seu do
que não é,
cria os dois.

Mas o chupinzinho
cresce e grita o
tempo todo
querendo sempre mais.

E a mamãe tico-tico
corre para cá e para lá
bicando, procurando alimentos
para o chupinzinho.

O LAMENTO DAS PEDRAS

O vento, naquela noite,
mexia com as janelas
e se escutava seu rangido
de longe.

Até as pedras, que normalmente
nada escutam, ouviram
aquele lamento
repetir-se durante horas.

Vieram então o coaxar dos sapos
e o uivo penetrante de um cão,
misturando-se tudo aos movimentos
das plantas e das janelas.

De repente tudo ficou imóvel
silenciou; veio a manhã
e o sol com seu calor
trouxe outros sons.

O NINHO DO JOÃO-DE-BARRO

À Professora Viviane Coêlho de Séllos-Knoerr

Ao chegar à sua sala,
numa bela manhã de sol,
a professora ouviu
um ruído esquisito:
toc-toc, toc-toc, toc-toc,
talvez alguém consertando algo.

Foi olhar na janela
e viu um joão-de-barro
construindo seu ninho.
Só que a edificação
iria, em breve, impedir
que a janela fosse aberta.

A professora não hesitou,
anotou uma observação
em papel e fixou-a na janela:
por favor, não abram
esta janela, pois a família
joão-de-barro está em obras!

O RIO, VOCÊ E EU

O rio, com suas águas
cristalinas, resfria
nossas mãos e rostos
e corre, todos os dias,
na direção do mar.

Sentir a música
do seu ritmo, a água escorrendo
no leito,
todos os dias,
sem parar.

Esse tempo de olhar para o rio
e para nós mesmos, faz todo o sentido:
nem ele, nem você,
nem eu, seremos
o que um dia fomos.

O SOL E NÓS

Como se sente
o sol
que aquece,
que ilumina,
que orienta?

Será ele o mesmo
sol
que muitas vezes queima,
que contamina,
que desanima?

O SOM DA ÁGUA DO RIO

Descemos ao rio caudaloso
pisamos nas pedras
e ficamos atentos,
escutando a água corrente
criar um som próprio,
parecido com o de uma orquestra especial,
tocando a música
que nos hipnotiza.

A correnteza levando as folhas,
os galhos, as ilusões, os sonhos,
tal como a professora,
de larga experiência,
nos ensinava
o inevitável sentido da vida
e nos dizia: tudo passará,
como o som da água do rio.

PINHÃO

Qual a forma de um pinhão?
Não é de dado nem de quadrado.
Não é um retângulo, nem um triângulo.
Não tem forma ovaloide, nem romboide.

Quem olha o pinhão vê uma ponta
em que se segura e outra ponta
onde ele termina. Depois, o formato
de uma cunha abaulada,

Um pinhão tem uma mistura de cores
vermelho e amarelo esmaecidos
e com formato exclusivo que só ele tem
simplesmente e mais ninguém.

ROSAS VERMELHAS

Como o sangue,
as rosas vermelhas
aquecem o coração
e a alma

com suas pétalas,
que se soltam,
e deixam
o rastro

de sua presença
na mesa
no piso
no olhar

na vida
vivida
ouvida
sentida.

UMA GOTTA DE SANGUE CAIU DO CÉU

Uma fenda se abriu,
no infinito céu azul,
em dia iluminado e quente,
e derramou-se
uma gota de sangue.

Quase ninguém percebeu,
naquele momento,
porque todos estavam
muito ocupados com
os problemas do dia.

Somente o poeta, atento,
com seu olhar diferente,
enxergou a gota de sangue
e sobre ela construiu
o poema que a vida pediu.

VAI VENTO VENTAR I

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
quem sabe perto do mar,
fazendo ondas grandes
iguais a um altar.

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
quem sabe com a chuva,
criando a música
como um cantar

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
preciso encontrar
alguém que se foi,
desapareceu no ar

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
como um mau sonho
que surgiu na noite,
e saiu do radar

VAI VENTO VENTAR II

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
quem sabe perto do mar,
fazendo ondas grandes
como catedrais.

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
quem sabe com a chuva
criando a sua música
que só você sabe cantar

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
preciso encontrar
alguém que há tempos se foi
e não vai mais voltar

Vai vento ventar em outro lugar.
Vá e volte bem devagar,
como um mau sonho
que surgiu na noite triste
a ziguezaguear



SENTIDOS
DAS COISAS
E DAS COISAS
SEM SENTIDO

Metáfora

O inesperado

Os sentidos das coisas

Os sentidos das palavras

Os sentidos do não



METÁFORA

Quando há uma
dor física,
usas cânfora,
e não é
uma metáfora.

Quando queres usar
um recipiente para guardar
o líquido que podes beber,
usas uma ânfora,
e não é uma metáfora.

Quando queres dizer
tudo e não dizer nada,
usas uma linguagem
figurada,
e é uma metáfora.

O INESPERADO

A música no ar,
em significação perfeita,
diz:
o inesperado
faz
uma surpresa,
na mesa, no carro,
no cinema, na caminhada.

E quem,
no amor e
na tristeza,
está preparado
para receber,
no momento,
a surpresa deixada
pelo instante?

OS SENTIDOS DAS COISAS

Havia antes
um sentido:
nas coisas,
nas palavras,
no mar,
no vento,
no teu amor.

Quanto tempo
já passou
e continua
um sentido:
da ausência,
da falta
do teu perfume.

Passará essa
angústia,
muito mais
do que o tédio?
Essa falta de ti?
Qual será
o remédio?

OS SENTIDOS DAS PALAVRAS

E AS PALAVRAS SEM SENTIDO

Será que a palavra medida
figura / forma / morfema
e o seu exato significado
sentido / conteúdo / poema
podem estar lado a lado
no curto diálogo da vida?

Há palavra única para dizer
o que precisa ser dito?
Pode a palavra buscar
na memória a coisa a dizer?
Imaginar a palavra mutante
procurando sentido não dito?

Só a palavra sem sentido
pode clamar o que existe a dizer?
A palavra encerra o sentido
do que precisa ser dito?
Ou fica na memória um resto
de palavra / som / sem articular?

OS SENTIDOS DO NÃO

Não se cala
o pranto
mostrado
com piedade.

Não se afasta
a mão
estendida
na madrugada.

Não se viola
impunemente
a lei da selva
na sociedade.

Não se faz
poesia
sem a alma
espicaçada.



SENTIDOS DAS

COISAS

INANIMADAS

A caneta

A chave

A escada

A rede de deitar-sentar

Cortinas

Espelho retrovisor

Fogos de artifício

Naquela cidade

O copo 1

O copo 2

O espelho e a vidraça

O navio

O prédio

O relógio

Os sinos

Pão de ló

Rua com entradas e saídas



A CANETA

Em cima da mesa, em sua neutralidade
de coisa, a caneta aguarda
o uso que dela se fará.

Para anotar recados, para escrever receitas
de bolo, ou contar histórias
de amor, tanto faz.

Aguarda que alguém, carinhosamente,
por alguns minutos, esqueça o computador
e retome os traços bonitos da caligrafia.

A relação com a caneta
continua sendo da mais completa
intimidade da pessoa com a coisa.

A CHAVE

Esqueceste a chave,
Pedro,
a chave do carro,
que devias
devolver.

Quanto transtorno,
Pedro,
pela chave,
que não
devolveste.

O pai, à espera
da chave, Pedro,
e tu não lembrando
de a ele devolver,
que **stress!**

Quanta coisa depois
aconteceu, Pedro,
até que a chave
finalmente
apareceu.

A ESCADA

No fundo do corredor
havia uma escada
de trinta e sete degraus.

Contei-os, porque subir
e descer essa escada era
tarefa minha de cada dia.

Nessa escada quanta conversa
com meus irmãos havia,
de noite e também de dia.

Não existe mais a casa,
mas quanta saudade
guardo no meu coração!

A REDE DE DEITAR-SENTAR

Naquela rede,
à beira da praia,
você deitava,
sentava,
e falava,
como nunca
mais
falamos.

Era uma simples
rede,
apenas
nós dois:
e esse tempo
passou,
não volta
jamais!

CORTINAS

Algumas cortinas escuras-impenetráveis
escondem o que há dentro das casas,
as pessoas, as coisas, os acontecimentos:
somente podemos ver as vidraças.

Em outros lugares, cortinas
liberais-transparentes deixam
entrever alguma coisa
do cotidiano das pessoas.

E surge o vento indomável
movimentando as cortinas
que, finas, leves e soltas,
voam como pássaros livres.

ESPELHO RETROVISOR

Há sempre
alguma coisa
no ar, quando precisas
encontrar.

Há sempre
um certo elo
com o passado,
no presente.

Há sempre
aquele gosto amargo,
de incerteza,
quando precisas mudar.

Há sempre algo de que
não gostamos, quando olhamos
em nosso espelho
retrovisor.

FOGOS DE ARTIFÍCIO

Riscam os céus fogos de artifício.
Azuis, cinza-escuros, vermelho-brilhantes,
amarelo-faiscantes, diversas cores e espocares.

Formatos de círculos, losangos, retângulos,
cruzes, árvores, parece um desfile
de moda, de roupas, de mulheres bonitas.

A mão na boca, o sorriso no olhar,
os agradecimentos, as alegrias e as tristezas
soltas no bum! bum! bum! repetido e repetido.

Silêncio... não há mais fogos, a alegria se foi.
Limpa-se o ar, o azul do céu volta
a impor-se mais uma vez como há séculos.

NAQUELA CIDADE

Naquela cidade,
com ruas de poeira
e barro,
perto da igreja,
tinha uma casa,
sem pintura;
mas, lá dentro,
tinha muita gente
que embelezava
mesmo a feiura.

O COPO I

Na minha frente,
o copo
vazio,
sem água,
sem vinho,
sem nada.

Nada mais
do que
o copo
e seu infinito
silêncio
de coisa.

De vidro,
o copo
pode
fragmentar-se
em mil
pedaços.

O COPO II

Meio cheio, meio vazio,
o copo precisa do líquido
para existir.

Na sua postura de copo,
de pé, silencioso,
aguarda alguém para enchê-lo.

Se ele pudesse falar,
quantas histórias teria
para contar sobre a vida:

dos sedentos, dos bêbados,
dos pobres e dos ricos,
das presenças e das ausências,

das noites e dos dias,
dos fins e dos começos,
dos outros copos.

O ESPELHO E A VIDRAÇA

Quantas vezes, na vida,
acreditamos ser espelho
e não passamos de mera
e simples vidraça.

Talvez seja mesmo esta
a sina da vida humana:
ser espelho primeiro
e acabar como vidraça.

Quando somos espelho
nos enxergam, sempre,
como se fôssemos
o exemplo para tudo;

mas se somos vidraça,
os olhares nos transpassam
e deixam o que somos
para ver outro espelho.

O NAVIO

É madrugada...
Olhas da sacada,
e o navio singra,
mansamente,
no Mar Mediterrâneo,
de tantas lutas,
tantas histórias,
tantas conquistas.

O vento sopra
com força,
amenizando o calor.
Parece que paramos,
mas o mar,
com suas ondas,
mostra o movimento
do navio avançando.

O PRÉDIO

Da janela avistas
o prédio
em suas linhas perfeitas,
matematicamente calculadas:
quadradas, retangulares,
ovais, circulares,
em cantos e esquinas,
vidros, cimento,
aço e concreto.

Tantos e tantos andares
a dizer
que precisamos viver
juntos e separados,
no mesmo terreno,
no mesmo bairro,
na mesma rua,
na mesma cidade,
no mesmo tempo.

O RELÓGIO

Este objeto que se olha,
mesmo que das horas
não se precise.

Porque as horas continuam
a escoar, a passar,
independente da nossa vontade.

O relógio vincula-se ao pulso,
como um amigo,
e acompanha-nos na vida:

de quem se gosta
e se indaga
apenas com o olhar.

OS SINOS

Exaustos, adormeceram.
Tinham chegado
por volta das duas
da madrugada,
após uma viagem
extenuante.

Acordaram com
os sinos da igreja,
bimbalhando, perguntando:
será domingo?
será hora da missa?
que horas são?

PÃO DE LÓ

Estás andando depressa
e não percebes
que muita gente
caminha perto de ti.
Mas na verdade
estás só...

Refazes, então,
o mesmo caminho
e lembras de tua avó
que dizia,
quando estava só,
melhor fazer um pão de ló!

RUA COM ENTRADAS E SAÍDAS

Essa rua que tenho
dentro de mim,
e conheço tão pouco,
leva-me
ao fundo do poço.

Muitas vezes
deixa-me
sem direção;
outras vezes
com muitas entradas e saídas.

Onde estão os sinais,
as mãos únicas e duplas,
a iluminação,
os semáforos,
os passeios?

Essa rua com entradas
e tantas saídas
tem um nome:
que se chama
coração.



SENTIDOS DAS

CONFISSÕES

Confessar o amor

Confessar, calar, amigos

Confessionário

Confesso-me a você

Confissão de amor

Confissão de consciência

Confissão e purificação

Confissão no céu

Confissão tardia

Confissões em capítulos

Confiteor

Não quero morrer hoje

O significado da confissão

O sonho e a confissão



CONFESSAR O AMOR

Entre balbucios
e palavras gaguejadas,
ele confessou o seu amor
docemente,
livremente,
finalmente,
para aquela que esperava
diariamente.

Uma palavra só,
ou até duas,
confirmando o sentimento,
que ambos tinham
um pelo outro,
perdidamente,
sensualmente,
verdadeiramente.

Essa revelação,
como um dique aberto,
mostrou uma paixão
perturbadora,
avassaladora,
só compreensível,
sensivelmente,
aos dois amantes.

CONFESSAR. CALAR. AMIGOS

O fenômeno da confissão merecia
ser melhor estudado, para avaliar
o que significa a verdade dos acontecimentos.

Confessar é dizer, é revelar, não é calar.
Quem cala não confessa, não diz sim nem não,
simplesmente cala, não se pronuncia.

Ficticiamente diz-se: “quem cala consente”;
mas é apenas uma presunção, nem sempre
verdadeira, que outras provas podem afastar.

Por isso é necessário perceber, no silêncio,
o que ele verdadeiramente significa
e não tomá-lo sempre como uma confissão.

Há um provérbio que diz:
“amigo é aquele que no seu silêncio
escuta, compreende, o silêncio do outro”.

CONFESSIONÁRIO

A jovem dirigiu-se ao confessionário,
ajoelhou e preparou-se
para falar sobre os seus pecados.

Mas percebeu que não havia
ninguém para ouvi-la:
o confessionário estava vazio.

Para não frustrar sua expectativa,
ela murmurava algumas frases,
que revelariam seus segredos mais íntimos.

E aos poucos, depois, foi calculando
de que forma poderia purgar
os seus pecados com orações.

Sentiu-se leve ao sair do confessionário,
tinha dito tudo o que precisava,
sua catarse se realizara.

CONFESSO-ME A VOCÊ

COM

VOCÊ

CON-

VIVI!

COM

VOCÊ

ME

PERDI!

VIU?

CON-

FES-

SEI!

CONFISSÃO E CONSCIÊNCIA

Durante vinte anos o criminoso conviveu com a sua história de horror.
Até que um dia uma doença fatal passou a lhe causar preocupação.

Para poder ir em paz, já que o fim estava próximo,
resolveu confessar - não podia mais aguentar a pressão da consciência.

Todos os dias, todas as horas, meses, anos, o tempo não passava;
vinham aquelas lembranças, tornou-se insuportável viver.

Precisava dizer o que tinha acontecido, revelar os males cometidos,
reconhecer o crime, sua culpa, até expiar uma condenação.

Confessou, foi condenado, e a pena foi mais branda
do que imaginava, mas a consciência não ficou aliviada.

Precisou transformar-se em outro alguém, que se preocupa
com os outros, faz alguma coisa pelo próximo.

Com a fé no ser humano e preocupado em ajudar
os outros, sua consciência aliviou-se e conseguiu um pouco de paz.

Então podia morrer, sua doença chegava ao final,
sua vida passou a ter uma espécie de significado.

CONFISSÃO E PURIFICAÇÃO

Precisava confessar uma, duas, três vezes
até exaurir o que tinha a dizer.

E recomeçava depois, com novas confissões,
nunca devidamente encerradas.

Esses círculos confessionais intermináveis
precisavam ser mantidos, definidos.

para que ele acreditasse na verdade plena,
revelada pela catarse completa.

Só encontrava a purificação
quando revelava tudo o que era/tinha.

E para isso a confissão era um ato único,
um remédio que representava a sua fé.

CONFISSÃO NO CÉU

Chegando ao céu o menino
indagou a São Pedro
a razão de ter morrido tão cedo.

A resposta recebida não o convenceu,
pois nem tivera tempo
para saber o que era pecado.

Como podia morrer
sem ao menos conhecer a vida,
saber distinguir o mal do bem?

Aos poucos começou a perceber
que, assim como na terra, no céu
também se cometem injustiças.

E por isso um dia ele precisaria
voltar à terra e recomeçar
tudo de novo, entender a vida.

E mostrar que poderia ser
uma pessoa boa, do bem,
quando fosse adulto.

CONFISSÃO TARDIA

Confessou seu amor
entre lágrimas e soluços;
não havia mais tempo
para recuperar a vida.

Um acidente fatal, inesperado,
levou aquela mulher
que tinha sido o grande
amor da sua vida.

Tivera tempo suficiente
para confessar o seu amor;
mas sempre esperava a melhor hora,
pois temia não ser correspondido.

E ela também quisera dizer,
mas nunca soubera qual
o melhor momento para
expressar todo o seu amor.

A morte resolveu o impasse,
chegou antes da palavra amor
ser dita, e não permitiu em vida
que os enamorados se revelassem.

CONFISSÕES EM CAPÍTULOS

EPISÓDIO UM: o marido confessa que ama sua mulher.

EPISÓDIO DOIS: essa mulher confessa que ama outro homem.

EPISÓDIO TRÊS: esse outro homem afirma que já tem outra mulher.

EPISÓDIO QUATRO: essa outra mulher confessa amar o marido da mulher do episódio um.

EPISÓDIO CINCO: de repente surge outro homem, que até então não tinha nenhuma mulher.

EPISÓDIO SEIS: ao mesmo tempo, em outro lugar, outra mulher revela não ter homem nenhum.

EPISÓDIO SETE: acontece sem mais nem menos que a mulher do episódio seis começa a amar o homem do episódio cinco.

EPISÓDIO OITO: e então ninguém sabe dizer como nem porquê a mulher que amava outro homem volta a amar o seu marido.

EPISÓDIO NOVE: será que de tantas voltas que se deu alguma relação não ficou completa?

CONFITEOR

Confessei-me na alta madrugada,
comigo mesmo,
para saber o que tinha acontecido.

O sono não vinha,
a angústia levou-me
a limpar a dor no peito.

O que tinha dito naquela hora,
para desabafar-me,
não me tinha feito bem.

Voltei para dentro de mim!
O que tinha acontecido naquela tarde
improdutiva, fastidiosa?

Bastaria dizer uma palavra:
desculpe-me, não queria dizer isso;
mas a palavra não saiu e cobrou-me a madrugada.

NÃO QUERO MORRER HOJE

Um dia vou morrer
mas que não seja hoje,
nesse instante.

Nunca é bom morrer,
melhor é viver,
ainda que hesitante.

Enquanto o encanto
pela vida, pelas pessoas
estiver vibrante.

Enquanto sentir a alegria
de um passo, o sorriso de
um infante.

Enquanto os olhares,
o calor de um abraço
não estiver faltante.

Melhor é viver
nunca é bom morrer
nesse instante.

O SIGNIFICADO DA CONFISSÃO

Muitas vezes nos perguntamos
no entardecer, quando chega
a tristeza, de que adiantam
as confissões, se voltamos a
repetir sempre os mesmos erros,
dos quais acabamos de nos arrepender.

Este é o verdadeiro paradoxo
da confissão, do arrependimento:
errar e arrepender-se, arrepender-se e errar
novamente, como se estivéssemos sempre
enredados em verdades e mentiras, mentiras
e verdades sendo repetidas indefinidamente.

Como aliviar o coração, a alma,
como manter a serenidade, a calma,
sem a efetiva confissão, o arrependimento
pelo mal que causamos a alguém
ou tantas vezes a nós próprios (mal dos
males) e sequer vemos ou entendemos?

O SONHO E A CONFISSÃO

Antes do sono chegar, confessar
o medo sentido, a palavra esquecida,
o olhar perdido, a ideia fugidia,
o desejo não realizado,
a vontade não acontecida.

Depois, o sono, o sonho e o poema
sendo construídos durante a noite,
entre calores e mosquitos, ruídos e freadas
e batidas de automóveis, barulhos
de latas de lixo e gritos de bêbados.

A verdade revelada pela confissão
do sonho, no silêncio... das palavras
brotando, tartamudeadas lentamente,
mostrando tudo o mais
que não pode ser revelado.

Confessar toda a verdade
em poucas palavras
gaguejadas, soletradas
pensadas, sopradas,
de um amor sentido – sonho inacabado.



SENTIDOS DAS
LEMBRANÇAS
E DAS
MEMÓRIAS

Lembranças na madrugada

Mudanças e memória



LEMBRANÇAS NA MADRUGADA

Lembrei, nesta madrugada,
que me chamo Luiz Eduardo,
que do ar eu ardo,
no mais sou nada.

MUDANÇAS E MEMÓRIA

O que se dizia, permanentemente,
era que tudo se esvaziaria.

Mudariam a poesia, os sentimentos, as palavras,
repentinamente, tudo ir-se-ia.

Fácil parecia deixar simplesmente
o que se tinha sido e se merecia.

Somente se imporia inconsequentemente o presente,
despreocupando-se com o que viria.

Mas nada varia, nem completamente
se apaga a história, senhorita Maria!

O que se vivia perdidamente
não se apagou, por favor, não ria!

Não se dizia o que se queria, formalmente,
nem se comia tudo o que se cozia.

A chama, porém, continuamente,
iluminava, mesmo quando amanhecia.



SENTIDOS DAS

PALAVRAS

A luta com palavras

A palavra amor I

A palavra amor II

A palavra e o vento

A palavra, o ser e o saber

A velhice das palavras

Nossa vida é verbo

O valor das palavras

Os gumes das palavras

Palavra e olhar

Palavra e seta

Palavras e gestos

Palavras e ideias

Palavras e letras I

Palavras e letras II

Palavras escritas

Solidão e palavras: companhias

Talvez I

Talvez II

Verbos



A LUTA COM PALAVRAS

Para Drummond,
lutar com palavras
é a luta mais vã.

Para ele, entanto,
lutamos, mal
rompe a manhã.

Ainda que digas
que não e que não,
tudo são palavras.

Palavras ditas,
pensadas, ouvidas,
sofridas, escritas...

A PALAVRA AMOR I

Não há quem
não possa
sentir,
em todo o seu ser,
o efeito do amor.

Por mais que
não haja ilusões,
há um sentimento
para tudo:
é o amor.

Quando
pressentires em ti
essa coisa tão forte,
mexendo
com tudo,

escreve, grava,
mas sobretudo sente,
para sempre,
a simplicidade da palavra
amor.

A PALAVRA AMOR II

A palavra amor
lembra um cheiro
muito parecido
com o da flor.

A palavra amor
produz frio, calor,
muita alegria e certeza,
símbolo encantador.

A palavra amor
no dicionário deve estar
com o objetivo de
para a vida nos chamar.

Não há outra palavra
em desconstrução
que do abstrato ao concreto
cause tanta sensação.

A PALAVRA E O VENTO

Quando vem
o vento,
e sopra
cá dentro
aquele frio,
e não vem
a palavra
esperada.

O tempo é
de ar
em movimento,
muito mais
voltado ao
silêncio
do que às palavras,
que não aparecem.

A PALAVRA, O SER E O SABER

A palavra dita
nem sempre nos diz
sobre a verdade
do ser.

Sólido ser,
simbólico ser,
metafísico ser,
líquido ser.

A palavra dita
nem sempre consegue,
mesmo, expressar
o que precisamos saber.

Líquido ser,
metafísico ser,
simbólico ser,
sólido ser.

Quem será aquele solitário
ser pensante, que escuta, que entende,
mesmo, o que a própria
palavra não diz?

A VELHICE DAS PALAVRAS

— As palavras envelheceram,
já não querem dizer mais nada.

Agora só as imagens e
os sons das músicas é que contam,
— afirma o senhor que se levanta,
lentamente
de manhã, na sua casa,

enquanto se veste,
toma café,
e, com toda a saúde
que lhe resta,
apanha o carro
na garagem
e se dirige apressado ao serviço.

Ele não viu a manhã.
Sequer abriu a janela
para deixar o sol entrar.
Não se espreguiçou,
nem respirou mais forte,
não olhou as flores
nem ouviu os pássaros.

As palavras, como símbolos,
expressam o que a vida dá,
o que a vida ensina,
o que a vida mostra,
o que a vida é
com seus encantos, ternuras,
dissabores, doenças e perdas.

NOSSA VIDA É VERBO

Perder a calma quando o dia
não começa como se quer.

Vender a alma quando se quer
o que não se pode ter.

Gestos, palavras e imagens
fazendo-se na vida em construção,

segundo a segundo com o coração
dizendo sim, dizendo não

ouvindo sim, dizendo não
dizendo sim, ouvindo não.

O VALOR DAS PALAVRAS

As palavras
não têm cor,
não têm cheiro,
não se pegam
com as mãos.

São as palavras, no entanto,
que consagram
as cores das pinturas
e informam
os cheiros dos perfumes.

São elas capazes de,
em qualquer língua,
em qualquer lugar,
transmitir pensamentos,
contar histórias.

Permitem o conhecimento
dos homens e mulheres,
ao se encontrarem,
em qualquer parte
do mundo.

OS GUMES DAS PALAVRAS

Não são só
as facas que
possuem gumes.

Também as adagas,
os punhais, as espadas:
gumes que cortam;

mas pouco se fala
dos gumes das palavras,
que podem ser mortais.

Quando a palavra é dita,
o gume se movimenta
e pode cortar.

Faca, punhal, adaga, espada,
Também as palavras, com
os seus gumes, podem ser fatais.

PALAVRA E OLHAR

Havia
a possibilidade
plena
de falar
sem encontrar
a palavra
exata;

mas só
no silêncio
completo
de um olhar
podia
a palavra toda
brotar.

PALAVRA É SETA

A palavra é seta,
talvez alvo.

A seta da palavra
até pode ser o alvo.

O alvo é a palavra
à procura de uma seta.

A palavra sem seta
nunca tem alvo.

PALAVRAS E GESTOS

As palavras,
mais do que
os gestos,
são lâminas
agudas, que,
mal pronunciadas,
ferem
e
sangram.

Quando
a frase
sai
sem pensar,
e machuca,
deixa marcas
que
não cicatrizam
nunca mais.

PALAVRAS E IDEIAS

Muda-se, algumas vezes,
a vida,
com palavras.

Mudam-se, outras vezes,
as coisas,
com ideias.

E para que as palavras
e as ideias
encontrem-se

como as águas de um rio
com as águas
do mar

e frutifiquem de verdade
ano-a-ano
como uma planta

é preciso plantá-las, tratá-las bem
para só depois, maduras,
poder colhê-las.

PALAVRAS E LETRAS I

(ponte e fraternidade)

Não podes,
neste momento,
apenas
com a sua imaginação
e a sua vontade,

construir uma ponte
sobre o rio,
que separa
as pessoas,
as vidas.

É possível,
porém,
agora mesmo,
com trabalho
e dedicação,

iniciar o reconhecimento
do outro,
compreendendo
a palavra sagrada:
fraternidade.

PALAVRAS E LETRAS II

(ponte e solidariedade)

Não podes,
hoje,
com a tua
imaginação,
sonhar
uma ponte.

Podes, porém,
agora mesmo,
com letras,
construir uma palavra
sagrada:
solidariedade.

PALAVRAS ESCRITAS

Escreves tudo o que tens
e o que não tens,
para sempre poderes,
mirando o papel escrito,
lembrar o que a tua voz
pode sempre dizer.

Recorda o tempo que
quiseste, ou tiveste,
a coragem de transformar
o sentimento que tens
dentro do coração
em palavras concretas.

Servirão, certamente,
para alguém
lembrar os sentimentos
que temos e,
às vezes,
não conseguimos expressar.

SOLIDÃO E PALAVRAS: COMPANHIAS

A noite cai
úmida e fria,
e como está
teu coração?
Desaquecido!

Procuras ao redor
algo ou alguém
para te fazer
companhia.
Não encontras!

Pensas, então,
nas letras
que podem unir-se
e formar palavras.
Tuas companhias!

TALVEZ I

Quando dizemos
o sim...
nos entregamos.

Quando afirmamos
o não...
nos separamos.

Quando nos sobra
o talvez...
nada reconhecemos.

TALVEZ II

Talvez,
recordou-se agora,
não seja
o melhor.

Talvez,
a memória acusou,
não seja
o pior.

Talvez, disse-lhe
a mente,
não seja
nada.

Talvez aquilo
que devia ser
seja para
depois.

VERBOS

Viajar,
desaparecer,
esquecer
do tempo,
da vida,
do tédio,
do amor.

Depois
voltar,
ver e viver,
sofrer e encantar,
amor e desamor,
perder e ganhar,
encontrar-se.



SENTIDOS DAS TRAGÉDIAS

Fukushima I

Fukushima II

A morte de 242 jovens

5 de novembro de 2015

Mariana

O Rio Doce depois da tragédia de Mariana

Ode a Brumadinho – poema noticiado



FUKUSHIMA I*

Plutônio, urânio,
usina nuclear.

Não se tinha ideia,
até aquele momento
do perigo, tanto,
até Fukushima
mostrar-se
inteira.

Estrôncio, céσιο,
iodo, radiação.

Sem cheiro, sem cor,
sem percepção aos olhos,
a radiação tomando conta
da água, da terra,
dos edifícios,
do ser humano.

* *O tsunami que atingiu a costa japonesa em 11.03.2011 abalou a usina nuclear de Fukushima I no Japão.*

FUKUSHIMA II

Quando, em 1945,
aconteceram
as bombas atômicas,
em Hiroshima e Nagasaki,
pensou-se:
isso nunca mais
vai acontecer.

Depois
veio Chernobyl,
na Ucrânia,
em 1986,
e pensou-se:
mais uma vez,
nunca mais.

Agora, 2011,
em Fukushima,
o mesmo refrão:
perigo nas usinas nucleares,
e pensa-se: não será, agora,
um aviso mais do que
suficiente?

A MORTE DE 242 JOVENS

em memória da tragédia de Santa Maria

I

O direito dormia,
a justiça dormia,
os juristas dormiam;
mas na Boate Kiss,
em Santa Maria,
no Rio Grande do Sul,
às 3 horas e 15 minutos,
do dia 27 de janeiro,
de 2013,
um cantor de banda
acionou um artefato
que incendiou o
revestimento acústico.

II

Para fugir da fumaça,
os jovens tentaram escapar,
mas os seguranças
bloquearam a saída,
por alguma razão,
não importa qual...

III

Às 4 horas da madrugada
mais de cem corpos se
empilhavam no local,
sem vida.

IV

Num local em
que cabiam 691 pessoas
existiam quase 1000.

V

E os extintores, e
os bombeiros, e
a fiscalização?

VI

Já era tarde demais.
Descobriu-se depois
que o responsável era
o gás cianeto,
o mesmo usado
nos campos de concentração
pelos nazistas.

VII

Mas já era tarde demais.
Precisaram morrer 241
jovens e
mais de mil
continuassem
sofrendo as
dores físicas,
psicológicas e
espirituais para
que soubéssemos
que, naquela
madrugada,
em Santa Maria,
todos nós
estávamos dormindo.

VIII

Quando acordamos
é que percebemos
o quanto
falham as
nossas leis,
as nossas
fiscalizações.

IX

Foi preciso 242
jovens morrerem
para nós acordarmos
da pior maneira,
sentindo-nos
culpados por
não denunciarmos,
não cobrarmos,
não sermos
cidadão
brasileiros.

X

E a conta
da boate Kiss
foi paga da
pior maneira:
com a
vida
de 242
jovens.

XI

E agora vamos
às indenizações,
porque no lugar
de prevenir
sabemos reprimir.

XII

O direito andando
à reboque da
realidade da vida.

XIII

Poderíamos salvar
os jovens
se dentro de nós
houvesse a
fúria
de quem
se rebela
contra o
desrespeito
à vida humana
diariamente.

XIV

Quando os
nossos filhos,
e netos, nos
perguntarem
sobre a tragédia
da Boate Kiss,
o que vamos dizer?

XV

Diremos:
foi em 27.01.2013,
em Santa Maria.
Morreram 241 jovens
porque todos nós
falhamos
em nossas
obrigações
de fiscalizar,
de denunciar,
de sermos todos
cidadãos
brasileiros.

XVI

Boate *Kiss*
of death
e não
Boate *Kiss*
of life.
Boate do beijo
da morte
e não
boate do beijo da vida.

5 DE NOVEMBRO DE 2015

No dia 05 de novembro de 2015
ocorreu uma tragédia em Mariana,
nas Minas Gerais.
Mariana que é nome de mulher.
Duas vezes mulher: Maria e Ana.
Mariana que é nome de lugar.
E agora também nome de tragédia.
Quando se rompeu uma barragem
de rejeitos de minérios,
dezenove pessoas morreram,
casas de 254 famílias foram soterradas,
859 km do Rio Doce contaminaram-se,
e 3,5 milhões de pessoas
sofreram, sofrem e vão sofrer.
Mariana, Mariana, Mariana!
05 de novembro de 2015!
05 de novembro de 2015!
05 de novembro de 2015!

MARIANA

Mariana é nome de mulher;
Mas também é nome de cidade,
Agora é nome de tragédia

No dia 5 de novembro de 2015
A barragem de Mariana se rompeu
E morreram muitas pessoas.

Quem tem culpa na tragédia?
Quem vai recuperar o Rio Doce?
Como ficarão as áreas danificadas?

Lama tóxica para todo lado
E o desespero das pessoas
Que perderam tudo, até a esperança!

A impotência do homem
Para impedir o próprio homem
De causar essa grande tragédia.

O RIO DOCE DEPOIS DA TRAGÉDIA DE MARIANA

Há sangue e lágrimas no Rio Doce!
Amargo Rio Doce, triste Rio Doce;
rio sem futuro, rio que não é mais rio.
Rio Doce, rio amargo, rio triste.

Sem sua vida original,
sem suas águas, que não são mais águas;
não dá mais peixes e alegrias
ao povo que vive em suas margens.

Quando a Barragem do Fundão,
em Mariana, explodiu, e jorrou lama,
não sepultou só a Vila de Bento Rodrigues:
matou gente e sepultou também a esperança.

Foi embora a vida que se multiplicava
nas pessoas às margens do rio,
Rio Doce, rio amargo, rio triste,
rio sem futuro, rio que não é mais rio.

ODE A BRUMADINHO - POEMA NOTICIADO

*(março de 2019)**I*

Também a tristeza canta
 Para suavizar a dor,
 A infelicidade e a dificuldade
 Que nascem das tragédias.

II

Entre as brumas,
 E o trabalho nas minas,
 Nasceu brumado,
 Que virou Brumadinho.

III

Cidade referência
 Do museu de Inhotim,
 Paraíso das plantas
 E dos amantes das artes.

IV

A cidade, além das minas,
 Recebia de braços abertos,
 Mostrava e encantava
 Com as belezas do Inhotim

V

O diminutivo do nome
 Mostrava a grandeza
 Da simplicidade de sua gente,
 Que vivia e deixava viver.

VI

O Brasil conhecia Brumadinho;
 O mundo conhecia Brumadinho,
 Pelas minas e pelo Inhotim,
 Este amenizando aquelas.

VII

De repente, em 25.01.2019,
 Rompe-se uma imensa barragem
 E de um momento para outro
 Pessoas e sonhos se vão.

VIII

Até o meio de março de 2019,
 Após buscas e buscas e buscas,
 206 corpos,
 102 desaparecidos.

IX

Como isso pôde acontecer?
 Esse descalabro não era previsível?
 A tecnologia do século XXI
 Não poderia impedir?

X

Dúvidas e perguntas
 Continuam e continuarão
 Balançando mentes e corações
 Mas as vidas não voltarão...



SENTIDOS DE SER CRIANÇA

A menininha, o poeta e o poema

Criança

O primeiro andar da criança

Reconstruir-se (ser criança)



A MENININHA, O POETA E O POEMA

A menina perguntou ao poeta:

— Como se faz um poema?

O poeta nunca havia pensado nisso,
mas mesmo assim respondeu:

— Um poema nasce da imaginação,
da reunião de ideias,
e se transforma em palavras
pelo trabalho do poeta.

A menina, insatisfeita,

pensou um pouco,

virou os olhos

e apresentou outra pergunta:

— Para que serve um poema?

O poeta pensou, pensou, pensou
e achou que tinha que apresentar
uma resposta convincente.

Afinal, a menina parecia
interessada mesmo em poesia.

Com essa convicção, respondeu:

— Um poema é feito para dar alegria
às meninas como você.

Satisfeita, a menina abraçou o poeta,
não perguntou mais nada,
e foi brincar com as bonecas.

CRIANÇA

Há sempre
uma criança
dentro de
nós.

Aquela criança
que fomos
e que gostaríamos
de voltar a ser.

Em nossas lembranças
volta sempre,
quanto mais o tempo passa,
nossa vontade de ser criança.

O menino que foi
levado, arteiro,
que jogava futebol
e sempre dizia nomes feios.

Como diz Fernando Sabino:
levamos a vida inteira
para descobrir o verdadeiro
menino que há em nós.

O PRIMEIRO ANDAR DA CRIANÇA

A criança brincava
sentada, olhando
para a mãe.

Tentou levantar, caiu.
Tentou novamente, caiu.
Caiu e caiu e caiu.

De novo, mais uma vez,
e conseguiu, agarrando-se
na perna da mesa.

Olhou para a mãe
e sorriu como um general
que venceu a batalha.

RECONSTRUIR-SE (SER CRIANÇA)

Reconstruir-se após a desgraça,
com a música, a dança,
recriando a vida que passa,
que se procura e não se alcança.

Recolher, com firmeza,
a casa perdida, em pedaços,
pela força da correnteza,
reconstruindo novos espaços.

Montar, fio a fio, o tecido
da vida, que recomeça,
recriando, lentamente, o sentido
do que é preciso, peça a peça.

Quando as noites ruins (vilãs!),
alteradas pelo sol e pela esperança,
transformarem-se em manhãs,
voltar a ser, de novo, criança.



SENTIDOS DE UM CÃO

Cães amarrados aos trilhos de trens

O cachorro e a bolsa

O cão preso



CÃES AMARRADOS AOS TRILHOS DE TRENS

Notícia o jornal
uma informação assustadora:
jovens amarram cães
aos trilhos de trem para morrerem.

Algumas vezes passantes
conseguem libertar os cães,
alimentá-los, curá-los,
devolvê-los à vida.

Em outras, porém, os trens
esmagam os cães amarrados
sem direito a socorro.
Que vida, meu Deus!

O CACHORRO E A BOLSA

No carro, o motorista viu,
entre tantos carros,
aguardando o sinal,
o cachorro
a movimentar-se
na rua, no meio dos carros.

Tinha entre os dentes
um saco de supermercado.
Carregava esse volume
como se estivesse levando
uma coroa sagrada para depositar
na cabeça de uma rainha.

Esse cachorro maltratado,
possivelmente faminto,
carregava entre os dentes,
passando entre os carros,
alguma coisa que ele próprio
devia considerar de muito valor.

De repente, ultrapassa os carros,
começa a correr,
atravessa a rua
e entra num portão com frestas.
Com quem agora estará
esse cão?

De quem mesmo será esse cão?
Será que tem dono?
O que levava esse
cão entre os dentes?
Talvez nunca saberemos!
Mas que cão é esse?

O CÃO PRESO

A palavra no canto,
o olhar esquecido,
a vida passando
e, de repente,
a lembrança
do uivo do cão.

Eram três horas
da madrugada
e o cão uivava
como uma criança chorando:
o fim do sono,
a preocupação, a imprecação.

Será que para o cão
também vale
a linguagem da vida,
de um homem,
de uma mulher,
de uma criança?

É possível deixar
um cão sofrendo
horas e horas trancado
como se fosse
um prisioneiro
sem dono?



SENTIDOS DE UM POEMA

Apenas um verso
O ofício do poeta
Para compor um poema
Poemas de amor
Poemas policiais
Poemas sobre dúvidas
Poesia na vidraça



APENAS UM VERSO

Preparo-me para escrever um verso;
antes, porém, comigo mesmo converso.
Fico então paralisado, quase que imerso,
não me desconcentro nem me disperso.

Meu trabalho é escrever um verso,
que espante tudo aquilo que é perverso,
que mostre das coisas o verso e o anverso,
não deixando nada submerso.

Não procuro em todo o universo;
deixem-me escrever um simples verso,
que traga desde logo algo diverso
e mostre especialmente o inverso.

O OFÍCIO DO POETA

Como o agricultor,
que tem nome,
que lavra e semeia
a terra
ano após ano,
para colher o alimento
que sacia a fome.

Como o músico,
com sua partitura,
que reúne as notas
e os sentimentos,
para que sua canção
possa afastar
um pouco da feiura.

Assim o poeta,
este ser diferente,
reúne palavras
para significar
emoções, crises,
dificuldades, paixões, a vida
para tocar em frente.

PARA COMPOR UM POEMA

Para compor um poema
é preciso saber ler
as palavras ditas pelo vento,
enxergar o ar em movimento.

É preciso ver as
lágrimas da criança,
quando chora
pelo brinquedo quebrado.

Sentir a fruta na árvore,
amadurecendo no tempo,
e depois sendo colhida
com o respeito devido ao alimento.

Olhar o manso regato
e sentir no movimento
da água, escorrendo entre as pedras,
a vida fluindo segundo a segundo.

Observar o céu azul
com estrelas que nos orientam
e nos mostram quão
pequeninos somos todos nós.

POEMAS DE AMOR

1) SAIA

Corri, no sonho,
e tropecei
na saia dela.

2) UM POUCO DE POESIA

Hoje não é dia
de sofrer,
não é dia
de morrer.
Maria, Maria,
um pouco de poesia
para você,
neste dia.

3) UM MINUTO DE AMOR

Um minuto de amor
não é um minuto.
É um minuto de amor.

4) CRIANÇA SOZINHA

Na areia quentinha
Nas ondas do mar
Criança sozinha
Mais livre que o ar.

Criança que passa,
Que brinca, que grita,
Que fica sem graça
E mesmo assim é bonita.

5) FAZENDO AMOR

O amor não é feito de pressa.
O amor não é feito depressa.

O amor é feito com calma.
O amor é feito com alma.

POEMAS POLICIAIS

1) MAIS UM HOMEM MORTO

Em uma noite, num lugar deserto,
dois homens.
Discussões, gritos, tiros, silêncio.
Sobressaltos, desmaios, sirenes.
Inquéritos, conclusões, negativas.
Caso encerrado.
Indiferenças, vida normal.

2) ENCONTRO

Dois velhos conversam, ocultos
pelo bom-senso e falam faceiros
de problemas inteiros.
Surge uma dúvida,
e os dois, a razão,
queriam nem que sofrida.
De rostos escondidos e fala sumida,
mal daquele lugar saem
morre de colapso o primeiro;
e o outro, ligeiro,
passando e vendo,
derruba o corpo no rio,
jogando-se também.
Final comovedor
para os dois encenadores.

POEMAS SOBRE DÚVIDAS

1) CONTRADIÇÃO

Tanta coisa para dizer
e tão pouca coisa
querendo ser
dita.

2) FALTA INSPIRAÇÃO

A inspiração certa não chega,
e eu a quero eternamente.
Ela não chega porque,
quando ela vem, eu não estou,
e quando eu venho,
ela simplesmente se vai.

3) OLHAR

Meu olhar alcança
o teu
e na incerteza lança
algo
de meu.

4) CÍRCULO VICIOSO

O círculo vicioso asfixia
as esperas doentias
espaço azul solene
suas contas verdes
o círculo vicioso asfixia
porque é uma angústia constante.

5) BUSCA

Nesta busca não te encontro.
Te procuro, te imagino,
me fascino,
e não te encontro.
Preciso de cores,
de flores.
Ouça bem, Maria!
Eu preciso, neste dia,
da calma brusca,
de olhares sem pena.
Preciso encontrar, nessa busca,
o sono, o sonho, o poema.

POESIA NA VIDRAÇA

Escrevo o verso
para mostrar o anverso
e espantar o perverso.

Eu prefiro o silêncio
dos tropeços
ao estardalhaço dos começos.

Corri no sonho
e tropecei
na saia dela.

Um minuto de amor
não é só um minuto.
É um minuto de amor.

O amor não é feito depressa.
O amor é feito com calma.
O amor é feito com alma.



SENTIDOS DO AMOR

Amor de verdade

Amor, boca e beijo

Noeli

O amor adulto

O computador e o amor

Que amor é esse?



AMOR DE VERDADE

Será o amor
de verdade o amor
que realmente
tem valor?

Será aquele que o
tempo amadureceu
e cristalizou
como um diamante?

Será aquele que
renasce a cada
instante
nas incertezas da vida?

Será possível
um amor que
não seja
de verdade?

AMOR, BOCA E BEIJO

Dizes que me amas
e abres a boca
à espera de
um beijo.

O amor, a boca
e o beijo nem
sempre juntos
estão.

Quando se encontram,
no entanto,
coisa melhor
há de ter?

NOELI

Muito mais do que os teus olhos,
o que eu amo mesmo é o teu olhar,
o segredo que está no
brilho do teu olhar.

Quando percebes que
estou te olhando,
e olhas para mim,
com infinita alegria e doçura,

e diz é por ti que faço isso,
é por ti que estou fazendo
o que faço.
Ah! os teus olhares

que revelam
exatamente a tua beleza
de fada, de deusa,
de meu amor!

O AMOR ADULTO

Não é mais aquele amor
maluco, desvairado,
imprevisível,
da juventude.

Trata-se de um amor diferente:
calmo, amigo, paciente,
que espera, sabe ouvir,
recorda.

É o amor adulto, que parece ser
o amor da juventude,
com toda a sua força,
mas que se acalmou.

O COMPUTADOR E O AMOR

Quando você liga o computador
e pensa em dizer meu amor,
o sistema automático
já procura no google
e encontra milhões
de sentidos
da palavra amor.

Você só queria dizer
que a sua vida
sem a vida dela
não tem qualquer sentido;
mas o computador não pode saber
verdadeiramente
o que é o amor.

QUE AMOR É ESSE?

(a filha que matou, ou ajudou a matar, os pais)

Que amor
é esse
que precisa
matar
para poder
viver?

Que amor bandido
é esse
que quer
negar
os pais
para sobreviver?



SENTIDOS DO CORPO, DA ALMA E DA GEOMETRIA

A matemática

A posse

Alvo e processo

Caixa preta

Corpos e corações

Embriagar-se (o ciúme)

O corpo, a alma e a geometria

O corte, a pele e a vida



A MATEMÁTICA

A matemática,
essa ciência tão exata,
para a qual
dois e dois
são sempre quatro.

Encontra-se, porém,
mais de uma matemática:
a só dos números,
a do corpo
e a do espírito.

A matemática do corpo
soma dois e dois,
e alcança,
mais ou menos
do que quatro.

A matemática do espírito
pode somar,
quantas vezes quiser,
mas o resultado
nunca será matemático.

A POSSE

O que eu tenho
deveria
estar aqui
e não
por vir.

O que tem valor
não é dado,
é conquista
do ir e do vir
e não do porvir.

ALVO E PROCESSO

para Julio Cesar Valim

O alvo
é o início
do processo.

O processo
é o início
para o alvo.

Nem todo
o processo
é começo.

O começo
do processo
não é tudo.

Às vezes
tudo é
o começo;

mas se o alvo
pode ser
o processo,

o processo
também o alvo
pode ser.

CAIXA PRETA

Estás indeciso
entre a dor
e a alegria?

Andas impreciso
entre o amor
e a folia?

Solta, então, o riso,
larga, de vez, o andor,
e comece o dia!

CORPOS E CORAÇÕES

A seda da tua pele,
quente e morena,
queimava minha mão,
quando deslizava.

Não havia palavras,
naquele instante pleno,
somente um desejo
que não tinha sossego.

Foi assim, naquele tempo,
que começou tanto amor;
tinha corpo e tinha alma,
tinha calma e alucinação.

Nos espaços onde andavam
nosso corpos e corações
iam transformando tudo,
em verdadeiro deslumbramento.

EMBRIAGAR-SE (O CIÚME)

Quando
volar
o ciúme,
fortemente.

Embriagar-me-ei
de palavras,
e de vento,
matematicamente.

Vendo o tempo
passar
lento,
infinitamente.

Lembrar-me-ei
do sentimento
e do perfume,
suavemente.

O CORPO, A ALMA E A GEOMETRIA

Que venha o pão,
que sacia a fome
e o corpo mantém.

Venha também
um pouco daquilo
que a alma alimenta.

As paralelas, dizem,
conforme a geometria,
não se encontram nunca;

mas corpo e alma, em seus paralelos,
podem, num atalho (quem sabe!),
unir-se na próxima esquina.

O CORTE, A PELE E A VIDA

O corte
na pele
e a cor
vermelho-escura
do sangue
lembram
a finitude
da vida.



SENTIDOS DO MEDO

A medição do medo

Índice do medo

O medo de mudar

Outra versão do medo de mudar

Ser sem medo

Vazio do medo



A MEDIÇÃO DO MEDO

Quando vivíamos somente
com nossos medos,
pessoais e particulares, íntimos,
não havia como medi-los,
porque eram diferentes.

Agora, até isso
passa a ser
homogeneizado, igualado:
há um índice
para medir o medo.

Teremos, com todos
os índices que procuram
nos fazer iguais, um índice para dizer
do nosso percentual
público do medo.

ÍNDICE DO MEDO

Agora que já
temos estabelecido,
como métrica,
o índice do medo,

poderíamos inventar
um índice para
medir a intensidade
do nosso amor!

Também, quem sabe,
da nossa esperança,
e, especialmente,
da nossa solidariedade.

Teríamos que acompanhar
a nossa altura e peso físicos
com o índice do sentimento e reduzi-lo
ou aumentá-lo, conforme a média ideal.

O MEDO DE MUDAR

O medo de mudar
não muda nada.

A mudança dá
medo mesmo.

Medo de ter medo
para tudo ficar igual;

ou se tem medo
só para não mudar?

Quem mede o medo
fica sem mudar.

Para tudo ficar igual
o medo é mudar.

OUTRA VERSÃO DO MEDO DE MUDAR

O medo de mudar
não muda
nada,
não deixa mudar.

A mudança
dá medo mesmo,
quando se pensa
sempre igual.

Quem mede
o medo
nunca sai
do mesmo lugar.

Para mudar (o medo)
é preciso querer
não deixar
tudo igual.

SER SEM MEDO

Sem sentir
medo
de
ser.

Ser
sem
sentir
medo.

Sem
medo
de sentir
e ser.

Sentir
e ser
sem
medo.

VAZIO DO MEDO

O vazio do medo
abre um espaço
para
construir.

Construção
silenciosa:
tijolo e parede,
cimento e esperança.



SENTIDOS DO MOVIMENTO

A dança

A dimensão do gesto

A estática e a dinâmica

A mão que afaga

Ritmo da vida



A DIMENSÃO DO GESTO

(um enigma a ser revelado)

Um pequeno gesto,
que não se
consegue ver,
nitidamente,
pode revelar,
tantas vezes,
verdadeiramente,
a dimensão
(toda)
do ser.

O pequeno gesto,
indecifrável,
desde logo
apenas desenha,
no espaço,
levemente,
o que
vai n'alma
de quem não quer
revelar-se.

Um gesto
quase
imperceptível;
que não se
reconhece,
imediatamente;
mas que está
ali, tenazmente,
querendo ser
desenigmatizado.

A ESTÁTICA E A DINÂMICA

Há sempre um
confronto
entre a estática e a dinâmica.

Dizem que a estática
é o medo
com o silêncio.

Por outro lado, a dinâmica
é a esperança
com o ruído.

Porque a vida é continuamente
o movimento, a surpresa
do sempre querer mais.

Não pode a vida,
por isso, estar só na estática,
mas, antes, pela dinâmica se orientar.

A MÃO QUE AFAGA

Desde os tempos de Augusto
dos Anjos, a mão que afaga
é a mesma que apedreja.

A mão que cumprimenta
é a mesma que abandona,
e faz sinal que não.

A mão que se abre e indica
é a mesma que se fecha e
complica.

RITMO DA VIDA

Quando
se olha
tudo
ao redor,
sem ver,

e se pensa,
em quase
tudo,
pelo pior,
sem sentir:

o ritmo da
vida
mostra-se
só dor,
sem ser;

mais fora
do que dentro,
em forma
de escudo,
para esconder.



SENTIDOS
DO PENSAR
E DO DIZER

Pensar e dizer
Pergunta sem resposta
Perguntas e respostas



PENSAR E DIZER

Talvez não se possa,
mesmo,
dizer tudo
o que se pensa.

Talvez não se pense,
sempre,
em tudo
o que se diz.

O que se pensa, talvez,
não se possa,
todas as vezes,
dizer.

O que se diz, porém,
parece certo,
dever-se-ia,
sempre, pensar.

PERGUNTA SEM RESPOSTA

Aquela pergunta
não pedia uma
resposta.

Era uma dúvida
com-
par-
ti-
lha-
da.

Por isso, após a frase,
o olhar, o gesto,
o silêncio.

Há perguntas
que se esgotam
em si mesmas.

Não é preciso
respon-
dê-
las!

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Quando me
perguntaste
o quê?

eu não sabia
que tu
não sabias.

Pensei, na hora,
em dizer-te
tudo;

mas as palavras
congelaram
na garganta
.



SENTIDOS DO
POUCO E DO
BASTANTE

*Muito e tudo
Pouco e bastante
Quanto menos
Sempre ao meu lado
Sim e não*



MUITO É TUDO

Um pouco do que és
deves ao que
está fora
e não dentro
de ti.

Muito do que pensas
deves ao que
está dentro
e não fora
de ti.

Tudo o que serás
deves ao que
está dentro
e não fora
de ti.

POUCO E BASTANTE

O pouco
pode ser
bastante
na hora certa!

O bastante
pode ser
pouco
na hora errada!

Qual será
o momento
da hora
exata?

Como saber
se a hora
chegou
finalmente?

Perdem-se
as horas
na correnteza
da água.

Desfazem-se
os minutos
no sopro
do vento.

QUANTO MENOS

Quanto menos mais,
quanto mais menos,
são textos banais,
se partem plenos.

Não se partem meios,
quando se tem ais,
buscando sempre veios,
às vezes achando mais.

Buscar assim claridades,
misturando tantas cores,
tentando quaisquer afinidades,
para encontrar, talvez, amores.

SEMPRE AO MEU LADO

Eu quero acordar
sempre com você
ao meu lado.

Do jeito que você é:
cabelos despenteados,
olhos fechados.

Não importa
que tenha muito sono
e queira ainda dormir.

Eu quero, quando acordar,
ter você sempre
ao meu lado.

SIM E NÃO

Nem sempre
sim e não
são discriminação.

Muitas vezes
sim e não
são apenas recordação.

Você e eu
sim e não
memória ou esquecimento.

Dia e noite
sim e não
festa ou recolhimento.



SENTIDOS DO SILÊNCIO

Eu prefiro o silêncio

Examinar

Fazer e não fazer

Nunca



EU PREFIRO O SILÊNCIO

Eu prefiro o silêncio
de um livro aberto,
na mesma página,
onde se parou a leitura.

Eu prefiro o silêncio
de uma rua deserta,
quando o relógio
marca duas horas da manhã.

Eu prefiro o silêncio
de um olhar sereno,
na viagem de trem,
contemplando o milho crescer.

Eu prefiro o silêncio
dos tropeços inesperados,
ao estardalhaço dos começos
que nunca terminam.

Eu prefiro o silêncio
do andar desengonçado
de uma criança que cai, levanta,
cai e levanta de novo.

Eu prefiro o silêncio
da mulher que amo,
quando o sono chega,
na madrugada sem fim.

EXAMINAR

Examinam-se
as condições
do tempo
antes da viagem.

Examinam-se
as mãos
após o trabalho
na horta.

Examina-se
a alma
antes de dormir
e do sonho.

FAZER E NÃO FAZER

A vida, toda a vida,
estava contida,
naquele dia, dia inteiro,
meio-dia, dia cheio,
de euforia.

Para dar conta de tudo,
precisava mais um dia,
mas só tinha mesmo
aquele dia, cheio
de agonia.

Como fazer para vencer
o dia que se apresentava cheio
de coisas a fazer ou não fazer,
quando grande parte
dele escaparia?

NUNCA!

Nunca tiveste
tudo.

Sempre esperaste
nada.

Procuras o teu eu
apenas.



SENTIDOS

DO TEMPO

A hera e a vida

A percepção da vida

A temporariedade

A vida é um minuto

Cada minuto

Escuridão e luminosidade

Finados

Ínterim

Moço e velho

Momento

Nó da garganta

O passar das horas

Quando sempre

Só depois do Carnaval

Tempo e momento

Tempo em nós

Um milhão e o tempo



A HERA E A VIDA

Voltar ao passado:
quando havia
a palavra amiga,
o olhar no olhar.

Esquecer o sofrimento:
cortar um pouco
a hera de tantas
tessituras já traçadas.

Lembrar da hera surgindo:
subindo lentamente, crescendo,
agarrando-se, sempre,
ao seu espaço na parede.

Como se parece tanto
aquela hera à própria vida:
a depender, sempre, todo dia,
da conquista de lugares.

E avançar e retroceder,
e esperar e sofrer
e partir e voltar
e amar e viver.

A PERCEPÇÃO DA VIDA

Algumas vezes
(pensamos!):
o que está
fora de nós
(a riqueza!)
não parece
perceptível.

Algumas vezes
(apreciamos!)
o que está
ao nosso lado
(a beleza!)
pode ser
sensível.

Algumas vezes
(esperamos!)
o que está
dentro de nós
(a tristeza!)
torna-se
invisível.

Algumas vezes
(duvidamos!)
a paciência
diária
(certeza!)
muda
de nível.

A TEMPORARIEDADE

Também a vida
é provisória,
temporária.
Vivemos provisoriamente,
dispersamente.
Temos vontade que a vida
sofrida, sentida,
seja permanente;
mas definitivamente
só temos
o duplo sentido
bem-mal,
claro-escuro,
amor-ódio,
vida-morte.

Um pouco menos
de ar, de água,
de encanto com a vida,
lá nos vamos,
com toda a nossa pompa,
para um lugar definitivo (?),
onde pouca gente
vai nos procurar,
até que viramos
apenas um nome
na lápide,
e depois,
com o tempo,
nem isso
e nada mais.

A VIDA É UM MINUTO

O centenário
Oscar Niemeyer
afirmava que
a vida
é um minuto.

Como contradizê-lo,
a quem viveu
mais de cem anos:
tanto,
e tão bem.

A quem,
com suas obras,
embelezou e muito
a feiura
das cidades.

CADA MINUTO

Viver

cada

mi-

nu-

to

de

ses-

sen-

ta

se-

gun-

dos

como

se

a

VIDA

fos-

se,

lo-

go,

a-

ca-

bar!

ESCURIDÃO E LUMINOSIDADE

A partir de 1964, no Brasil:

naquele tempo

o escuro

não deixava

ver.

A partir da Constituição de 1988:

mudaram-se

os tempos

e a luminosidade

cega.

FINADOS

Amanhã, que é Dia de
Finados,
vás ao cemitério
e perguntas para
minha avó,
para minha tia,
e elas dir-te-ão
quem fui eu.

Como disse Bandeira,
nesse dia não deves
lembrar apenas dos que
já se foram.
Lembra, também,
daqueles que ficaram
e sentem tantas saudades
dos que já não estão mais aqui.

ÍTERIM

(Intervalo ou Intermezzo)

Nesse tempo intermédio
em que te conheci
havia um vazio
imenso
em minha vida.

Houve um interregno,
um vácuo,
um breve
intervalo,
um espaço a preencher.

Vieste então, aos poucos,
preencher esse vazio
e, com a tua luz,
transformar toda
a minha vida...

MOÇO E VELHO

Ontem rias,
alegre,
feliz,
da tua
mocidade
irresponsável.

Hoje olhas
teu físico
envelhecido,
e pensas
no tempo
que passou.

MOMENTO

Perceber,
na confusão do encontro,
que o momento
passou.

Sentir
que não se deve
articular
a palavra guardada.

O momento se fechou
como a boca,
cuja palavra
já foi pronunciada.

Esquecer o momento,
em sua infinita espessura,
que se esvaiu
em apenas um segundo.

NÓ DA GARGANTA

Ansiedade de chegar a hora,
de botar tudo para fora,
na catarse excluir o que é estranho,
limpar-se como num banho.

Nem tudo ainda foi dito,
mas será o bendito
que nada mais adianta
para tirar este nó da garganta.

Gesto, palavra e imagem,
surgindo na inútil paisagem,
fixando-se na vida em construção,
segundo a segundo com o coração.

Exatamente como um relógio de antigamente,
que badala de tempo em tempo, suavemente:
dizendo sim, dizendo não,
dizendo sim, dizendo não.

Formar-se na vida em construção,
segundo a segundo com o coração:
dizendo sim, dizendo não,
dizendo sim, dizendo não.

O PASSAR DAS HORAS

No passado
esperava-se
tranquilamente.

Podia
verificar-se
matematicamente.

Agora as horas
passam
provisoriamente.

Qual será
o tempo
definitivamente?

QUANDO SEMPRE

Estavas
no canto da sala,
pronta para contar
a história bonita
do teu dia singular.

De repente
a fala louca,
sem sentido,
sem pedido,
impediu-te de dialogar.

Recolhes a palavra
não dita, e esperas
o silêncio da oportunidade
para dizeres o que vale
a pena declarar.

SÓ DEPOIS DO CARNAVAL

As nossas dúvidas
e os nossos dissabores
ficam, todos, para
depois do Carnaval.

Agora não podemos
lembrar/pensar/decidir
o que fica, o que passa.
Nosso encontro é para depois.

Tanta coisa aconteceu,
mas hoje não há tempo,
existe muita coisa a fazer:
dançar-pular-perder-se.

Quando passar o Carnaval
estaremos disponíveis
para começar o ano
e esperar o próximo Carnaval.

TEMPO E MOMENTO

(movimento e sentimento)

Há necessidade
de aguardar
para ouvir
(tempo)
e para falar.

Há tempo
para falar
(momento!)
e outro
para ouvir.

Há outro
para falar e calar:
necessidade
(movimento!)
de olhar e ver.

Há aquele
para ouvir e ver
(necessidade?)
(sentimento!)
para falar e calar.

TEMPO EM NÓS

Não é por que o tempo está assim ou assado
que vou deixar de rir ou chorar;
porém, o tempo ruim deixa a gente meio assim,
assim, sem saber o que fazer.

Não nos perdemos por causa do tempo,
mas pelo que o tempo deixa em nós.
Podemos viver agora sem perceber o tempo,
só olhando para dentro de nós.

Sim, é dentro de nós que o tempo
pode ser frio, quente, cair neve ou sair o sol;
depende de cada um, em certa medida,
trazer o bom tempo para dentro de nós.

Quando a chuva cai e nos molhamos
achamos que foi ruim, mas quando o sol é forte
também podemos não achar muito bom,
afinal o tempo não pode nos conduzir sempre.

Olhar para o tempo como olhamos uma pintura,
com todas as suas variações de cores
e sentidos e humores e calores e frios
e sentimentos e emoções, batendo o coração!

UM MILHÃO E O TEMPO

Dizer um milhão de coisas
é o mesmo que
nada dizer;
pois de nada lembramos
quando
de um milhão de coisas
falamos.

É um jeito de falar,
como dizer
não tenho tempo,
mas o tempo
não se aprisiona
pela nossa falta
de tempo.



SENTIDOS DO TER E DO PERDER

Ter e perder
Ter e ser
Vazio
Viver por viver
Voltar



TER E PERDER

Há uma música
saindo da casa
daquela mulher,
junto com o aroma
de uma comida
qualquer.

É preciso prestar
atenção:
essa melodia,
esse aroma,
podem transformar
todo o seu dia.

É preciso considerar
o que se tem
como frágil/provisório,
pois o que vale,
de repente,
se pode perder.

TER E SER

O vil metal
aprimona,
com
muitos
tentáculos
e tentações,

e transforma
aquele que
só pensa
em mais ter
para deixar
de ser.

VAZIO

Há um vazio
dentro do peito,
que nada pode
preencher.

Esse vácuo tira
o sono, pela noite,
e mexe sempre
com o teu dia.

Espaço oco,
que não consegues entender,
pode ter algo a ver
com o teu próprio eu.

Precisas, então,
aprender a viver,
conviver contigo
melhor do que ninguém.

VIVER POR VIVER

Quando dizias amor,
mentias,
porque tuas palavras
não vinham
do coração.

Quando olhavas,
fugias,
com tuas hesitações
que afastavam
qualquer sensação.

Estavas ouvindo,
por ouvir,
mas nada entendias,
porque perguntavas, sempre,
de novo, o que acabavas de ouvir.

Era isso: vivíamos por viver,
sem amar,
e a mim nunca dissestes,
apelando à verdade,
a ti eu não te amo.

VOLTAR

Mais uma vez,
comovidamente,
voltei
a me render.

Pedi perdão
contritamente:
não consegui
te esquecer.

Abracei-te
fervorosamente,
sentindo imenso
prazer

Era o meu corpo
integralmente
voltando
a nascer.

Era todo o meu eu
fundamentalmente
desintegrando-se,
querendo teu ser!



SENTIDOS DOS ABRÇOS E DOS BEIJOS

A classificação do beijo

Desejo

Lábios de carmim

O abraço

O beijo poliglota

O brilho dos lábios

O coração e o beijo

Os abraços



A CLASSIFICAÇÃO DO BEIJO

Veja só! O beijo
está catalogado,
classificado,
com etiqueta
e tudo!

Pode ser solicitado
em especificações,
conforme o produto
que se manda
fazer por medida.

Não se fala obviamente
em qualidade,
mas se sabe que
existem 484 formas
de beijar.

Entre os tipos de beijo
existem: o selo seco frontal,
o beijo em cruz (= malho),
com mordida de lábio,
que marca e de língua invertido ...

DESEJO

Nossos olhares
se encontram
e chamam
um para o outro.

O abraço apertado,
o cheiro que desperta
a chama do amor,
preparando para o beijo.

A mão que desliza,
no rosto, na pele toda,
distancia os problemas
e aproxima o encontro.

Essa busca permanente,
sensação plena,
surge de repente
e se completa com o desejo.

LÁBIOS DE CARMIM

Os teus lábios
finos,
de carmim,
abrindo-se
só para mim.

Que alegria tê-la
tão perto
assim,
desabrochando-se
enfim.

Lábios e batom,
cheiro de
alecrim:
um abraço e um beijo
no fim.

O ABRAÇO

O abraço
dos seus braços
faz laços,

e como aço,
cria traços,
deixa pedaços,

e no espaço,
como compassos,
delineia passos.

O BEIJO POLIGLOTA

Não, não é um
trocadilho,
trata-se mesmo
do beijo em outras
línguas.

Não com aquela
que temos
dentro da boca,
mas a de fora, da
linguagem mesmo.

Dir-te-ia “kuss”,
se quisesse fazê-lo em alemão;
“beso”, em espanhol;
“baiser”, em francês;
“kiss”, em inglês.

Continuaria dizendo
“bacio”, em italiano;
“pitér”, em tupi-guarani;
mas, em português, beijo mesmo,
se quisesse dá-lo em ti.

O BRILHO DOS LÁBIOS

O brilho dos lábios
resplandece
no teu rosto
como a luz do sol.

No brilho está
toda a malícia
voltada a chamar,
seduzir, encantar.

Lábios, brilho
e olhos:
tudo na direção atenta
do meu olhar.

O CORAÇÃO E O BEIJO

Por que o teu,
e o meu
coração
batem assim,
tão
alucinadamente?

Por que a batida
aumenta,
tão fortemente,
quando o beijo
desvenda
a boca?

Por que diminuir
o som
de tambor
do teu e do meu
coração,
quando lado a lado estão?

Porque talvez
seja a hora da consulta
conjunta
a um cardiologista,
ou cartomante,
para verificar.

OS ABRAÇOS

(outra versão)

Enrodilho-me nos abraços
dos seus braços,
que criam laços.

Como verdadeiros compassos,
mostram traços,
deixam pedaços.

Preenchendo todos os espaços,
como aços,
firmam os passos.



SENTIDOS DOS CAMINHOS

A viagem
Cair e levantar
Caminho
Caminhos e sentidos
O caminho que tinhas
O caminho
Outro caminho
Viagens



A VIAGEM

Encontrar na viagem
o horizonte ampliado,
e nele se poder olhar,
como se essa imagem
fosse a primeira.

Parar, prosseguir, parar
e continuar, e ver e sentir
a vida fluindo, com calma,
traduzindo o que vai n'alma
na leveza dos instantes.

CAIR E LEVANTAR

Quando
caímos,
quem
nos ajuda
a levantar?

Cair de novo,
esse permanente
cair e levantar,
nem sempre
exposto,

revela-se,
sempre,
no andar,
na face,
no olhar.

CAMINHO

O caminho líquido
por onde andei
podia ser de água
ou talvez até de vinho.

Essa correnteza
não tinha parada,
nem saída,
muito menos chegada.

CAMINHOS E SENTIDOS

Perder-se
devagar,
sozinho.

Obrigar-se
ao reencontro
do caminho.

Preocupar-se
na vida
com o vizinho.

Tirar-se
da rosa
o espinho.

Embriagar-se
talvez
com o vinho.

Sinalizar-se
e achar-se:
devagarinho...

O CAMINHO QUE TINHAS

Não há mais
o que fazer
em relação
ao que já passou.

Quando dissestes
o que dissestes,
estavas com a
certeza que era assim.

Agora, que já não acreditas
mais no que foi dito,
o tempo já não permite
que voltes atrás.

Então, pensas e voltas
para dar outro sentido
àquele caminho
que tinhas.

O CAMINHO

Sáias de um cinema muito tranquilo,
mas com pouca esperança, ou até mesmo nenhuma;
estavas bem vestido, portavas até certo estilo,
mas não detinhas nenhum tipo de crença.

Surgiu, então, alguém, naquele instante,
de um local desconhecido, do inesperado;
não falava pouco, nem bastante,
tinha até um jeito bem moderado.

Não sabes até hoje de onde vinha,
este homem de alguma idade e sozinho;
quiseste dar-lhe alguma coisa, mas não tinhas,
pois ele procurava alguma coisa no caminho.

Quando perguntaste o que queria,
ele, sem jeito, mas com muita ação,
disse, sem pestanejar, que merecia,
pelo menos, um pouco de consideração.

Deixaste, então, que falasse o que queria,
e ele disse, com toda a calma do mundo,
que para o local aonde ele naquele momento iria,
não precisava de qualquer tipo de fundo.

Sem saber o que dizer, não hesitaste
em perguntar com a maior calma, então,
no que ele acreditava, e voltaste
os olhos para observar a sua mão.

Tinha em cada uma delas um só dedo,
mas rezava com um terço envelhecido,
com a maior atenção e sem medo,
agradecendo tudo o que havia recebido.

Ali, naquele momento, em sua presença,
tiveste a certeza de que não estava sozinho,
pois entendeste que somente a fé, até mesmo a crença,
pode transformar o nosso longo caminho.

OUTRO CAMINHO

Neste tempo
em que vives
cheio de
contradições
e sem
caminhos
definidos,

há sempre outro
caminho que podes
escolher;
a coragem está
em mudar o que tens,
o que és:
andar por outro caminho.

VIAGENS

Viajaste
por alguns
poucos lugares
fora do teu país
e pensas
em voltar.

Um pouco
pelo que viste,
mas muito, também,
pelo que gostarias
que tivesse
aqui também.



SENTIDOS DOS CHEIROS E DOS SABORES

A comida e a vida

Cheiros e sabores

Comida: ideias e mudanças

O gosto



A COMIDA E A VIDA

Precisas de comida
para
sobre
viver.

Precisas de vida
para
viver
sobre.

Precisas viver
sobre
para
comer.

Precisas comer
para
sobre
viver.

CHEIROS E SABORES

Nada que o amanhã,
com suas incertezas (belezas!)
não possa surpreender:
o aroma da planta, a delícia do doce.

Esquecem-se as dores da vida,
no passo de ontem;
surgem novas coisas na madrugada
de hoje.

Que se abrem (despetalam!)
com cheiros e sabores ontem não sentidos:
a suave fragrância do aroma da flor,
o gosto de um doce, para jamais se esquecer.

COMIDA: IDEIAS E MUDANÇAS

Há um prato
cheio
de comida,
suculenta,
à espera,
para outrem
alimentar.

Em outro lugar,
noutro meio,
ideias criativas
aguardam
tua mão
para alguém
transmitir.

Seria possível,
lentamente,
mudar um pouco
a afirmação milenar
que só o corpo se salva,
dando-se novo sentido
ao que existe (a alteridade?)

O GOSTO

No mel
dos teus lábios
encontrei o gosto
que me libertou
da antiga
saudade.

Naqueles minutos
que o teu gosto
senti,
o meu tempo
todo parou,
voltei a te querer.

Não há só alma
no amor:
o gosto do beijo
refaz a sintonia
do corpo
para o corpo.



SENTIDOS DOS CONCEITOS

Compreensão

Comunicação

Conceitos

Delicadeza

Enigma – pensar – dizer

Enigma

Era digital

Exercícios vocabulares

Incompletude

Infância e persistência

Linguagem

Não ser

O dito e o feito

O êxito e a hesitação

O GPS

O resultado

Raciocínio



COMPREENSÃO

(o que é a verdade?)

A verdade, a verdade,
de verdade,
o que será (mesmo!)
que ela é?

Espaço completo
de olhares
e significados
de compreensão?

Dizendo o que
se pensa (realmente!)
revelando-se
o que se quer dizer?

Será que existe
(sempre!), realmente,
um espaço oculto
não compreendido (entre nós)?

COMUNICAÇÃO

O olho
Enxerga por trás
daquilo
escondido,
falado,
escrito
pela palavra.

A palavra
dita, escrita,
escondida,
nem sempre
significa
a mesma
coisa.

Quando
a palavra símbolo
aproxima-se
da palavra verdade,
pode acontecer
o clímax pleno
da comunicação.

CONCEITOS

Os conceitos
que emites,
no calor da
hora,
tantas vezes
se fabricam

naquilo que
ouves,
ou vês,
e não tiveste
tempo
de metabolizar.

DELICADEZA

A vida nos mostra
tantos atos de baixeza,
que, muitas vezes, não vemos
quando se apresenta a delicadeza.

Olhar nos olhos, apertar a mão,
ouvir mais, falar menos,
prestar atenção no outro,
nas coisas mínimas, mas essenciais.

Nosso tempo é de não escutar.
Nosso tempo é de não olhar.
Nosso tempo é de não prestar atenção.
Nosso tempo é de desinteresse.

ENIGMA: PENSAR-DIZER

Não se diz
sempre
o pensar;

e nem sempre
se pensa
o dizer.

Eis o enigma
que acompanha
o nosso viver:

desde que
nascemos
até morrer.

ENIGMA

Não se encontrou
o que se procurava;
mas se perdeu
o que não se buscava.

ERA DIGITAL

Deletar a noite
mal dormida
com a tecla
indefinida.

Standebaizar
o choque
de uma pergunta
sem resposta.

Startizar
um novo ano
com propostas
de solidariedade.

Enredar-se
na rede
que leva
à web.

EXERCÍCIOS VOCABULARES

O computador te dá
notícias imediatas,
em tempo quase real,
do acontecimento
mesmo.

Pelo computador procuras
informações, piadas,
mulheres peladas,
tudo ou quase tudo
lá está.

No entanto,
apesar de tudo,
ele depende
sempre
de ti.

Apenas tu podes
reunir as palavras
coração e amor
e, com elas,
fazer uma pessoa feliz.

INCOMPLETUDE

Somos seres
incompletos
por dentro e por fora,
é evidente.

Por mais que
a máquina funcione
e haja normalidade
aparente.

Há sempre algo
que nos falta
no físico e no espírito
(in)felizmente.

Essa falta
nos leva
a querer
diferente.

E essa desigualdade
é que nos aproxima
do outro e preenche a incompletude
frequentemente.

INFÂNCIA E PERSISTÊNCIA

Nesta noite,
em que não podes
dormir,
procuras
no fundo
do teu eu
razões para persistir...

Encontrarás esperança,
pelo menos,
com certeza,
nas pessoas
que amas,
nas coisas
em que acreditas.

Certamente, também,
na lembrança
de tua infância,
que volta,
sempre,
e cada vez
mais.

LINGUAGEM

A linguagem
do ver
e ouvir.

A palavra
que custa
a sair.

Tudo sugere
a língua
do sentir.

NÃO SER

Ser não o que
esperam de mim,
mas ser sempre
o que o nós
espera do eu.

Perceber no instante
quanta coisa
se perdeu e não
conseguimos mais
achar.

Examinar no
dia a dia
quanto de nós
se perdeu no
vácuo do não ser.

O DITO É O FEITO

Nem sempre
o que se diz
se faz.

Nem sempre
o que se diz
se escreve.

Entre o dito
e o feito
há uma distância.

O tempo curto
de uma vida
talvez não baste

para aproximar
o que se diz
do que se faz.

O ÊXITO E A HESITAÇÃO

O êxito é
uma mulher
muito bonita,

que demanda
delicada
ação (sem coração?),

mas não comporta
qualquer
hesitação.

O GPS

No GPS
do carro
ainda não dá
para solicitar
a indicação
do caminho
da felicidade.

Os caminhos
da cidade,
os bairros, os desvios,
e até falar
conosco,
o GPS
pode.

Que bom
que a máquina
não pode pensar,
nem amar
como a gente,
nem
por nós mesmos.

O RESULTADO

Tu não és
somente
o que tens,
mas também
o que perdeste,
no jogo da vida,
permanentemente.

Diminuídos,
somados,
multiplicados,
os ganhos,
tanto quanto
as perdas,
são limitados.

Sobrarão sempre
os acréscimos
ou as sobras
do que
não foste:
mais ganhaste
do que perdeste.

RACIOCÍNIO

A razão pode ser
rápida ou lenta.

Tudo depende do
exercício que se tem.

Por isso que tanto
se fala na existência

de uma coisa que
uns têm e outros não têm:

essa coisa tão lógica
que se chama raciocínio.



SENTIDOS DOS
ENCONTROS
E DOS
REENCONTROS

Encontro e amor
A procura e o encontro
Procura
Reencontro
Tempo de encontro



ENCONTRO E AMOR

Nos encontramos
escondidos
de nós mesmos,
sequer sabendo
o que um tinha
para dizer
ao outro.

Alguns minutos
depois
eu digo: amo você;
e não é preciso
nada
mais
dizer.

(A) PROCURA E (O) ENCONTRO

Quando sais
à procura
de alguém,
poderias
pensar

ser
possível
encontrar
dentro de ti
o que buscas.

Procura
detidamente,
calmamente,
o que precisas
dentro da alma!

Este,
talvez, seja
o caminho
mais certo
a percorrer.

PROCURA

Há em cada canto
uma saudade,
um espanto,
a liberdade.

Vê sempre o encanto
nunca a piedade,
sob o manto
da verdade.

Assim, sempre e tanto,
esquece a maldade,
abandona o pranto
à procura da felicidade.

REENCONTRO

(aves migratórias)

Voltamos
a nos
(re)encontrar
depois
de tanto
tempo.

E também
a nos (des)iludir
com a (facil)idade
para (re)tomar
o elo para
sempre perdido.

E voar, e voar,
no espaço,
para outro lugar
possível,
lembrando
as aves migratórias:

que esperam
e dependem
do calor, do frio,
do vento,
para (des)aparecer
por certo tempo.

TEMPO DE ENCONTRO

Encontrar no final
da tarde
a quem
se quer bem.

Dizer quase tudo
o que precisa
ser dito
sem premeditar.

Voltar ao tempo
em que se podia
falar coisas
politicamente incorretas.

Aproveitar ao máximo
o tempo do encontro
como se ele nunca
mais voltasse a ocorrer.



SENTIDOS DOS OLHARES

A desordem dos seus olhos

A procura no olhar

O instante do olhar

O teu olhar

Olhar e coração

Olhar e pensamento

Olhar

Os olhos e a imagem

Seu olhar bonito

Um corte no olhar



A DESORDEM DOS SEUS OLHOS

A desordem
permanente
dos seus olhos,
infinitamente
pequenos,
(morena!),
organizam
os meus sentimentos:

que se dirigem,
verdadeiramente,
todos,
permanentemente,
agora,
somente
na sua
direção.

A PROCURA NO OLHAR

Olhas o mar
e vês
o verde-azul.

Olhas o céu
e vês
o branco-azul.

Procuras o próximo
e vês
o medo, a raiva.

Voltas à natureza
e vês
o verde-verde.

Retornas às pessoas,
vês uma criança
e tudo muda.

O INSTANTE DO OLHAR

Há um espaço vazio
naquele olhar,
que viaja
e contempla
e espera.

De repente, encontra
outro olhar perdido...
e os olhares
se buscam
e se acham.

O instante
fez-se poema
com esses
olhares
apenas.

O TEU OLHAR

O encanto do teu olhar
cega-me
e não sei
o que fazer.

Percebo nos teus
meneios
um charme
que só tu tens.

Vejo-te sempre
como aquela
mulher
dos meus sonhos;

mas a vida real
não deixa espaços
para tantos pensamentos
e decepções.

OLHAR E CORAÇÃO

Os olhos parecem
dizer
mais e melhor
do que tudo
quando se fecham.

E nos deixam
voltar
para o coração,
órgão sensível,
sístole-diástole,

batida a batida,
que mostra todo
o sentir,
o ver,
o ser.

OLHAR E PENSAMENTO

Por mais distante
que esteja
o pensamento,

cada olhar
capta sempre
a vida latente,

na planta,
no bicho,
no homem.

OLHAR

Há em cada olhar,
quando conversas,
aquela comunicação,
ou às vezes não.

Um olhar que
passa a sensação
que estás sendo entendido,
ou quem sabe não...

Buscas saber se,
nesse olhar,
tens a possibilidade de
entender o teu irmão.

OS OLHOS E A IMAGEM

Confesso, com toda a intensidade,
que meus olhos não me obedeceram
naqueles incríveis segundos.

Tentei não demonstrar,
fiz de conta que não era comigo;
mas os olhos continuaram a ver.

Era um acontecimento comum,
aparentemente sem nenhuma importância:
uma criança sendo amamentada.

A imagem, contudo, era magnífica:
a união total da mãe e da criança,
o aleitamento, um momento único;

mas os olhos continuaram sem controle,
ininterruptamente e sem pudor, a dirigir-se
para aquela cena como se fosse final.

Quando a mãe olhou para mim,
confesso que não sabia o que fazer/dizer,
mas ela limitou-se a desviar o olhar.

SEU OLHAR BONITO

Teorizar
no ar
sobre a
maravilha
da sua beleza,
do seu olhar
angular,
oblíquo,

ainda: longitudinal,
linear,
que
atrai tudo
e todos para
o raio do
seu
luar.

UM CORTE NO OLHAR

(os lábios vermelhos)

Um corte
no olhar
e a face
vislumbrada
em seu
verdadeiro
sentido.

Do pescoço
aos cabelos,
o nariz
e os olhos
examinados
em todos
os seus ângulos.

Novo corte
no olhar
e os lábios
são vistos
em sua
exuberante
vermelhidão.



FRASES EXTRAÍDAS DOS POEMAS
SOBRE OS SENTIDOS DA VIDA

“Quando se for a gargalhada, poderá ficar o sorriso, se tinha alegria.”

“Não se faz poesia sem a alma espicaçada.”

“Quando dizemos o sim... nos entregamos.
Quando afirmamos o não... nos separamos.”

"Reconstruir-se após a desgraça, com a música, a dança, recriando a vida que passa, que se procura e não se alcança."

"Meu trabalho é escrever um verso,
que espante tudo aquilo que é perverso,
que mostre das coisas o verso e o anverso,
não deixando nada submerso."

"Não procuro em todo o universo;
deixem-me escrever um simples verso,
que traga desde logo algo diverso
e mostre especialmente o inverso."

"Um minuto de amor não é um minuto.
É um minuto de amor."

"Corri, no sonho, e tropecei na saia dela."

"Tanta coisa para dizer
e tão pouca coisa querendo ser dita."

"Meu olhar alcança o teu
e na incerteza lança algo de meu."

"O amor não é feito depressa. O amor é
feito com calma. O amor é feito com alma."

"Escrevo o verso para mostrar o anverso
e espantar o perverso."

"Eu prefiro o silêncio dos tropeços
ao estardalhaço dos começos."

"O que eu tenho deveria estar aqui
e não por vir."

"O medo de mudar não muda nada."

"Quem mede o medo
nunca sai do mesmo lugar."

"A estática é o medo com o silêncio.
A dinâmica é a esperança com o ruído."

"O abraço dos seus braços faz laços."



"Há em cada canto uma saudade,
um espanto, a liberdade."



"O instante fez-se poema
com olhares apenas."



"Só no silêncio completo de um olhar
podia toda a palavra brotar"





Corria o ano de 1969, muito difícil para os brasileiros, e um rapazote de quinze anos começava a fazer seus versos. Com poemas foi construindo seu universo, literário, junto com os estudos do Direito e da História. O tempo possibilitou o trabalho que ora se publica, no qual os sentidos da vida foram ordenados em temas específicos. É uma vida que está aqui, com mais defeitos do que virtudes, mas inteira, como deve ser. Se os poemas reunidos, um ou mais de um, puderem tocar os leitores, valeu a pena. **Afinal, foram cinquenta anos escrevendo, cortando, reescrevendo, tentando transmitir o mais claramente possível a sensibilidade da vida.**

Luiz Eduardo Gunther



ISBN 978-85-5523-462-0



9 788555 234620 >
www.institutomemoria.com.br